

FONOLOGIA DO VESTFALIANO DE RIO FORTUNA



18001001

Dissertação submetida ao Programa
de Pós-Graduação em Linguística da
Universidade Federal do Rio de Ja-
neiro, para a obtenção do Grau de
Mestre em Linguística, por
Paulino Vandresen.

Rio de Janeiro, 1968

O trabalho "Fonologia do Vestfaliano de Rio Fortuna" foi na" iniciado em 1964, no Departamento de Linguística da Universidade de Brasília, onde recebi a primeira orientação sistemática no campo da linguística estrutural. A formação teórica e prática neste campo de estudos devo-a, especialmente, aos linguistas brasileiros Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues e Prof. Dr. J. Mattoso Câmara Júnior e aos linguistas do Summer Institut of Linguistics que atuaram nos programas de pós-graduação em linguística da UnB e UFRJ.

A todos os meus professores, aos que serviram de informantes para esta dissertação e, de modo muito especial, ao Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues e ao Prof. Dr. Ivan Lowe pela orientação e sábias sugestões na elaboração deste trabalho, quero consignar aqui meus sinceros agradecimentos.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
Capítulo I CRITÉRIOS E MÉTODOS DE ANÁLISE	6
Capítulo II CLASSIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS ÉTICOS	10
Vocóides;	
Contóides.	
Capítulo III ANÁLISE PROVISÓRIA DOS SEGMENTOS NÃO PROBLEMÁTICOS	14
Análise provisória dos contóides simples;	
Análise provisória dos vocóides simples.	
Capítulo IV INTERPRETAÇÃO	17
Interpretação de segmentos problemáticos como unidade ou sequência;	
Padrões silábicos não problemáticos;	
Outros problemas de unidade ou sequência;	
Interpretação de segmentos problemáticos como vogal ou consoante;	
Padrões silábicos problemáticos;	
A sílaba.	
Capítulo V A HIERARQUIA FONOLÓGICA	47
O nível fonêmico;	
O nível silábico;	
O nível da palavra fonológica;	
O nível da locução fonológica.	
Capítulo VI TEXTOO VESTFALIANO COM TRADUÇÃO PORTUGUESA	87
Trecho de conversa informal;	
Trecho de discurso;	
Texto do folclore regional.	
N O T A S	89
BIBLIOGRAFIAl.....	92
"CURRICULUM VITAE" do autor.	

I N T R O D U Z I D O

O objeto do presente trabalho é a análise fonológica do ca vestfaliano (plattdüts ou vestféléik)¹, língua falada em algumas comunidades brasileiras de ascendência germânica.

A modalidade aqui descrita é o vestfaliano de Pio Fortuna, uma comunidade² teuto-brasileira de Santa Catarina. É falado, ainda, em vários outros municípios catarinenses, cuja população descende de imigrantes vestfalianos católicos que vieram para o Brasil em 1860, e formaram a Colônia de Teresópolis, no alto vale do Cubatão. Devido à impropriedade daquelas terras para a agricultura, a maioria dos imigrantes atravessou a serra do Capivari, passando a ocupar o vale do rio do mesmo nome e o do Braço do Norte (ambos formadores do rio Tubarão). Devido a essa dispersão a língua aqui descrita é falada nos municípios catarinenses de Águas Mornas (Queçaba, nome atual de Teresópolis), São Bonifácio, São Martinho e Armazém (situados no vale do Capivari) e Santa Rosa de Lima, Pio Fortuna, Braço do Norte, Grão Pará (apenas em algumas localidades) e São Ludgero (situados no vale do rio Braço do Norte). Há ainda comunidades menores em outros municípios catarinenses ou paranaenses, fundados por emigrantes dos municípios citados, onde também se fala o vestfaliano. Outra grande área de colonização vestfaliana é Teutônia, no Rio Grande do Sul, onde o então governo imperial estabeleceu os imigrantes de religião protestante.

Não há estatísticas sobre falantes do vestfaliano no Brasil. Nos dados que existem sobre língua alemã neste país, geralmente se incorre em grave erro considerar tôdas as formas de expressão dos descendentes de imigrantes alemães como uma língua só, quando muitas vezes não há sequer intercompreensão entre falantes de "dialetos" diferentes. Este fato deve ser levado em conta no estudo da imigração alemã no Brasil e nos processos de aculturação dos teuto-brasileiros.

Em nosso entender, estudos sobre aculturação e interferências linguísticas devem ser precedidos por monografias de cada forma dialetal das línguas em contato. Foi principalmente a intenção de estudar futuramente êstes fenômenos nas áreas de colonização vestfaliana, que nos fêz escolher êste tema fundamental, qual seja, a descrição estrutural de uma destas formas dialetais - o vestfaliano de Pio Fortuna.

Os falantes do vestfaliano de Rio Fortuna são bilíngües ou multilíngües. A maior parte fala o vestfaliano e o português. Há os que falam o vestfaliano e o alto alemão, ou vestfaliano, alemão e português, ou ainda vestfaliano, alemão, português e holsteiner. Há, portanto, quatro línguas em contato na comunidade de Rio Fortuna: o alemão (Hochdeutsch) é falado somente em situações especiais, no contato com pessoas estranhas de língua alemã que visitam a comunidade, durante o culto - em regra semanal - na igreja protestante, e uma ou duas vezes por mês na igreja católica; até 1944, era ensinado nas "Gemeindeschulen" ou escolas da comunidade. O holsteiner é falado por uma minoria de famílias protestantes como língua materna e por outras pessoas que o aprenderam em virtude de intensas relações sociais com estas famílias. O português, língua nacional, era falado inicialmente apenas por algumas famílias caboclas (os bugreiros) e nos contatos com autoridades e comerciantes luso-brasileiros. A grande maioria da comunidade riofortunense tem como língua materna o vestfaliano, e se identifica como uma minoria étnico-cultural dentro da sociedade brasileira³.

Até a década de 1950, toda área de colonização vestfaliana de Santa Catarina ficou quase completamente isolada da cultura brasileira. Os imigrantes e seus descendentes mantinham com ela contatos comerciais esporádicos. Na comunidade só se falava vestfaliano, holsteiner ou o alto alemão ensinado nas "Gemeindeschulen", mantidas pelos próprios colonos, com material didático distribuído pelo consulado alemão de Blumenau. Quando o Brasil entrou na guerra contra o nazifascismo, foi proibido o ensino do alemão e mesmo a manifestação em público nesta língua. Com os males da repressão, ~~veio o grande~~ benefício das escolas oficiais, dando aos colonos um instrumento de contato mais amplo com a cultura brasileira, a língua portuguesa.

Segundo a situação escolar que tiveram, os falantes do vestfaliano podem ser divididos em quatro grupos distintos:

I - Os que tiveram somente escola alemã. São os que estavam em idade escolar até o ano de 1932. A língua materna é o vestfaliano, tendo aprendido o alemão na escola. Alguns falam o português, aprendido dos caboclos. Com membros do grupo, falam somente o vestfaliano.

II - Os que frequentaram a escola entre 1932 e 1944. A língua materna é o vestfaliano. Na escola aprenderam o alemão e o português. Entre elementos deste grupo fala-se predominantemente o

vestfaliano.

III - Os que freqüentaram a escola depois de 1944. São falantes nativos de vestfaliano. Na escola, aprenderam e estudaram somente o português. Entre si os elementos deste grupo falam exclusivamente o português, mas com os grupos anteriores falam o vestfaliano.

IV - A geração escolar atual. Aprenderam quase simultaneamente o vestfaliano e o português. Falam o primeiro com os pais ou parentes mais velhos e o segundo com os irmãos e companheiros dos grupos de linquedo. Particularmente neste último grupo o vocabulário vestfaliano é bastante reduzido.

Assim, da fundação da colônia de Rio Fortuna (1881) até a década de 30, o "dialeto" vestfaliano esteve relativamente pouco em contato com o português. Houve, entretanto, necessidade de adaptar-se a um novo meio cultural. Surgiram, por isso, termos novos, tomados como empréstimos ao português ou formados com recursos da língua⁴. O contato cresceu com a abertura da estrada Antártica-Brasão do Norte (1927), com a criação de escola em língua portuguesa (1932)⁵, repressão lingüística e cultural, e com a intensificação da participação em atividades políticas. Este contato ficou marcado, particularmente, nas gerações mais jovens (grupos III e IV), por fenômenos de interferência lingüística evidente, manifestada por diferenças na estrutura do vestfaliano de cada grupo. Na verdade há uma gradação sutil de interferências, quer do português, quer do alemão (ensinado na escola aos grupos I e II), que, em rigor, foge à classificação acima. Certas inovações se fixaram em uma "tifa"⁶ e em outras não.

Esta situação dificultou nosso estudo. A análise fonológica aqui apresentada não aborda todas as modalidades do vestfaliano de Rio Fortuna. O contato entre línguas diferentes, particularmente/entre vestfaliano e português, continua e a interferência duma língua na outra implica necessariamente na reorganização de todas as antigas oposições de sistema⁷. Assim, há falantes, particularmente no grupo III e no grupo IV que distinguem | s | | z | e | š | | ž | como fonemas diferentes, o que entretanto não ocorre com os informantes utilizados, que pertencem aos grupos I e II. Mais complicada ainda é a função distintiva ou não de | g |, que não é distinguida como fonema diferente de /k/ e /x/, enquanto que a maioria o tem em variação com |x|, em certas posições (o que talvez se deva à interferência do português alemão, em cujo sistema fonêmico há oposição entre /k/, /g/ e /x/).

A interferência do português no vestfaliano manifesta-se /

principalmente nos empréstimos de palavras e no surgimento de algumas novas oposições fonológicas. Os termos tomados como empréstimos ao português fixaram-se melhor que os criados com recursos da língua, por causa de uma série de estímulos estruturais e externos (cf. Weinreich, 1961:388).

Dentre os estruturais, os mais atuantes foram provavelmente:

a) economia das formas simples; b) não confusão de semantemas.

Dentre os estímulos externos apontaremos:

a) bilingüismo dos falantes; b) maior simplicidade das formas tomadas como empréstimos: palavras fonológicas simples em vez de complexas (6-3); c) efeitos estilísticos: os empréstimos misturados com palavras da língua são mais expressivos que termos criados com recursos da língua; d) prestígio crescente do português na comunidade, trazido, sobretudo pelo status social do clero brasileiro e dos líderes políticos; e) escasso domínio do vestfaliano; particularmente os grupos III e IV têm vocabulário bastante reduzido. das

Atuam em sentido contrário sentimentos de lealdade ao grupo e necessidade de comunicação com familiares mais idosos.

A constatação de diferentes graus de interferência influiu no presente-trabalho na escolha de informantes. Preferimos o vestfaliano falado por pessoas que apresentam maior eficiência de expressão nesta língua e menor índice de interferência do português. Por isso nossos informantes foram buscados no primeiro e segundo grupos de nossa classificação, em pessoas que, embora bilíngües (vestfaliano-português), falam habitualmente o vestfaliano em casa e com amigos.

Os dados, em que se baseia a presente análise (listas de palavras e gravações de discursos ou conversas informais), foram colhidos em Rio Fortuna, durante o mês de julho de 1964, depois revisitos e ampliados nos meses de janeiro, fevereiro e julho de 1965, quando a análise já estava em andamento.

Com os resultados da presente análise e de outras complementares, se poderá, no futuro, avaliar o índice de interferência do português nos grupos III e IV, bem como avaliar sua eficiência de expressão no vestfaliano.

A análise fonológica do vestfaliano de Rio Fortuna é apresentada em seis capítulos. No primeiro, expomos os critérios e método

dos de análise adotados. No segundo, apresentamos e classificamos / os fenômenos fonéticos, bases das unidades fonológicas da língua. No capítulo terceiro, procedemos a uma análise fonêmica provisória dos segmentos não problemáticos, para facilitar a compreensão do capítulo quarto, em que interpretamos os segmentos problemáticos, pelos / critérios citados no capítulo I e pela comparação com os padrões silábicos não problemáticos. No capítulo quinto, sem dúvida o mais importante de todo o trabalho, apresentamos a descrição final das unidades dos quatro níveis fonológicos. No último capítulo apresentamos um texto vestfaliano em transcrição fonêmica, com tradução portuguesa.

Um aspecto importante a frisar, é o caráter tentativo dos resultados desta análise. O trabalho limita-se à hierarquia fonológica, tendo sido muito ligeiras as incursões nas outras hierarquias. É possível que um estudo mais profundo da hierarquia gramatical nos levasse a optar por alternativas diferentes das aqui apresentadas. Outro aspecto das limitações desta análise é o próprio tratamento dos dados colhidos, feito sem que se pudesse dispor de laboratório / fonético para testar certos resultados, particularmente as características fonéticas dos níveis mais elevados da hierarquia fonológica, apresentadas no capítulo V. A condição de falante nativo do autor tornou-lhe ainda mais difícil a percepção de certas minúcias fonéticas.

CAPÍTULO I

CRITÉRIOS E MÉTODOS DE ANÁLISE

1.1. Em nossa análise, vemos a língua como um sistema de comunicação humana, formado de símbolos vocais dotados de um significado convencional. Este sistema é estruturado hierarquicamente. Uma estruturação hierárquica da língua é admitida pela maioria dos linguístas. O fato de se falar em fonema, palavra etc. já implica, de algum modo, numa hierarquização. Sistemas ou modelos linguísticos como os de Halliday, Hockett ou Pike admitem ou defendem esta visão da linguagem. Há, entre estes e outros, menores ou maiores diferenças nos modelos de organização hierárquica. Hierarquia, em linguística, é a relação de unidades com uma dada ordem de precedência.

Do ponto de vista de Pike, temos em toda língua três hierarquias estruturadas entre si:

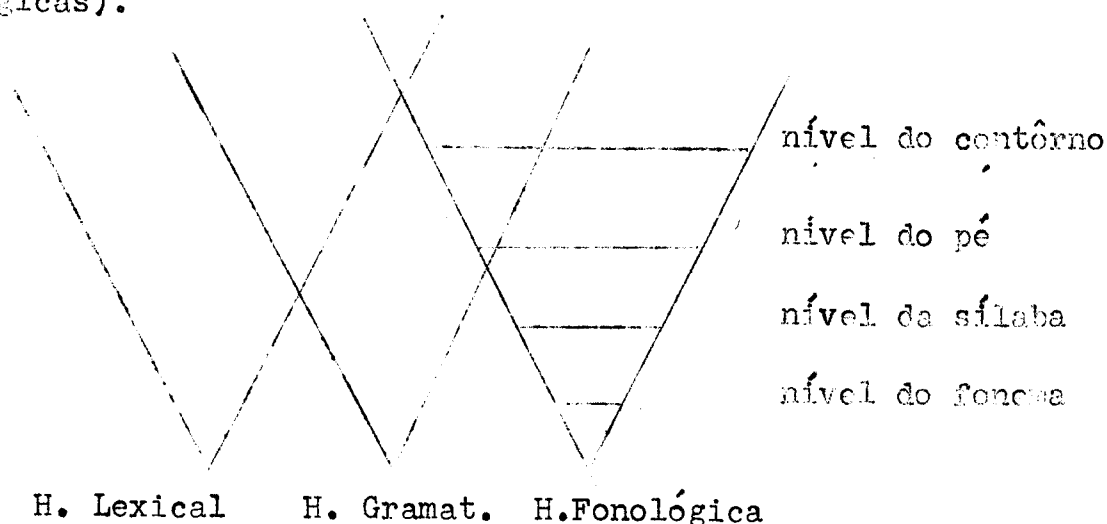
- a) hierarquia de unidades fonológicas;
- b) hierarquia de unidades gramaticais;
- c) hierarquia de unidades lexicais.

A unidade mínima de cada uma destas hierarquias se combina linearmente para formar a unidade imediatamente superior e esta para formar a seguinte. Assim, em toda unidade não mínima, distinguimos posições funcionais que são ocupadas pelas unidades imediatamente inferiores. Cada posição pode ter uma ou mais classes de ocupantes, com as quais se definem unidades definidas como partes estruturalmente relevantes. A relação entre a classe de unidades que pode ocupar esta posição (tagema), é a principal característica do modelo estrutural pikeano.

Pike preconiza três hierarquias de unidades ênicas para toda língua. Não estabelece, entretanto, o número de unidades ênicas ou "níveis" de cada hierarquia, o que permite aplicar o modelo e suas técnicas de análise a qualquer língua falada. A aplicação deste modelo ao objeto de nossa análise traz-nos, além de outras vantagens, uma solução mais econômica no problema dos fenômenos ligados à junção interna aberta, abordados nos parágrafos 5.3. e seguintes (palavra fonológica complexa).

As soluções tradicionalmente dadas ao mesmo problema no alemão e inglês podem aplicar-se também ao vestfaliano, se bem que os traços alofônicos que acompanham a juntura interna aberta sejam diferentes. A análise hierárquica da fonologia do vestfaliano de Rio Fortuna beneficiou-se ainda, das conclusões do estudo acústico-fonético dos referidos fenômenos no inglês, feito por Ilse Lehiste, no laboratório da Universidade de Michigan (Lehiste, 1959).

Em nosso trabalho abordamos apenas a hierarquia fonológica, estudada em quatro níveis de unidades ômicas: fonemas, sílabas, pés (ou palavras fonológicas) e contornos (ou locuções fonológicas).



1.2. De acôrdo com a orientação tagmêmica, consideraremos dois aspectos no tratamento dos sons da língua:

a) - o aspecto ético² - em que consideramos os sons em si como fenômenos físicos, comparáveis com sons semelhantes de qualquer língua do mundo, sem levar em conta sua função no sistema da língua;

b) - o aspecto ômico - em que consideramos a função estrutural dos sons de uma língua dada. Sob o aspecto ômico, a língua formada por unidades distintivas.

No tratamento ético, classificam-se os sons segmentais em contóides e vocóides, com base em diferenças articulatórias e na natureza acústica dos sons, sem levar em conta sua função ou sua distribuição no sistema da língua.

No tratamento ômico, dá-se especial realce a critérios contextuais, isto é, à função e distribuição dos sons nas unidades superiores, sílabas ou palavras fonológicas. A classificação dependerá da função e distribuição de cada unidade e não puramente de

suas características acústicas ou articulatórias. Neste particular, adotamos a terminologia de Hockett: vogais, consoantes, semivogais, o-nipotentes, semivogais e semiconsoantes (cf. Hockett, 1955:75).

Cada unidade êmica do nível fonêmico é chamada fonema. Nossa preocupação primordial é descobrir e classificar estas unidades ou fonemas, ou seja, identificar os traços distintivos que fazem com que ['pân], ['bân] e ['mân] etc, signifiquem "coisas" diferentes no sistema de comunicação aqui analisado.

Bloomfield definiu o fonema como "unidade mínima distintiva" de uma língua. Sob outro aspecto, pode-se também afirmar que os fonemas são classes de sons, foneticamente semelhantes, que comportam certa variação padronizada segundo sua distribuição na língua. Cada fonema apresenta, em relação aos demais, três características básicas: contraste, variação e distribuição.

Na análise da fonologia do vestfaliano partimos de dados fonéticos que seus falantes organizam inconsciente e automaticamente em unidades êmicas, manifestadas por classes de sons às vezes bastante / diferenciadas entre si. Para se chegar a um conhecimento exato e minucioso da estrutura fonológica do vestfaliano seria necessário um conhecimento aprofundado de sua morfologia e sintaxe. Como as pesquisas nesses campos (morfologia e sintaxe do vestfaliano de Rio Fortuna) são ainda limitadas, preferimos não recorrer a argumentos morfofonêmicos na escolha de certas opções.

A função contrastiva dos segmentos éticos é descoberta através de seu cotejo em pares mínimos. Considerando que os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que ocorrem (cf. Pike, 1963:58), procuramos, igualmente, sistematizar a variação e distribuição, caracterizando as diferentes realizações de cada fonema (alofones).

1.3. Nos problemas de interpretação de segmentos problemáticos adotamos critérios externos à estrutura propriamente dita da língua. São eles:

a) critério de economia - consiste em escolher a alternativa que cria o menor número de unidades, classes, ou níveis de unidades ou padrões silábicos e, ao mesmo tempo, menor complicação para o sistema;

b) critério de simetria, baseado na tendência das línguas / de apresentarem uma configuração simétrica na distribuição de suas unidades. A simetria manifesta-se nos contrastes entre fonemas, na distribuição dos alofones que os compõem, na pressão estrutural dos padrões silábicos e outras características constantes da língua (cf.

Pike, 1963: 59e 116).

c) critério de simplicidade - a melhor interpretação é aquela que traz maior simplicidade ao sistema total da língua.³

1.4. A apresentação final da análise fonológica do vestfaliano de Rio Fortuna é feita em quatro níveis: nível fonêmico, silábico, de pé e de contôrno. Cumpre notar que neste tipo de abordagem nos deparamos com um sério problema, a redundância. Muitos traços fonéticos são comuns a mais de um nível, ou já foram abordados anteriormente. Assim, a distribuição dos fonemas e seus alofones na sílaba está intimamente correlacionada com a distribuição desta no pé ou palavra fonológica. Por exemplo: os contóides oclusivos aspirados ocorrem somente em posição final de sílaba, que seja final de pé.

Para evitar as descrições redundantes, procuramos quanto possível, em vez de descrever detalhadamente os mesmos fenômenos em capítulos diferentes, fazer referências às passagens onde a decisão foi desenvolvida pela primeira vez.

1.5. Símbolos e abreviações:

[] = transcrição fonética

/ / = transcrição fonêmica

: = duração maior do segmento anterior

' = silabicidade do contóide

' , = graus de intensidade: destaque sintático, principal e secundário, respectivamente: /'vate fal/

+ = elemento obrigatório

+ = elemento facultativo

- = ocorrência não admitida

C = consoante

V = vogal

MI = margem inicial

N = núcleo

MF = margem final

Sv = semivogal

Sc = semiconsoante

Dv = demivogal.

C A P Í T U L O II

CLASSIFICAÇÃO DOS SEGMENTOS ÉTICOS

Classificamos os sons que ocorrem em nossos dados em duas grandes classes: vocóides e contóides. Consideramos vocóides e contóides classes de sons diferentes entre si, pela sua natureza fonético-articulatória, sem levar em conta seu caráter distintivo em uma dada língua ou função e distribuição na sílaba. O estabelecimento de limites entre estas duas classes é bastante difícil e varia conforme os critérios adotados pelos foneticistas. Em nosso estudo da fonologia do vestfaliano, seguiremos a caracterização e conceituação desenvolvida por Pike. Assim, os termos contóide e vocóide serão usados somente na abordagem fonética, ao passo que na abordagem fonêmica usaremos os termos fonema vogal e fonema consoante. Não há necessária correspondência entre vocóide e vogal nem entre contóide e consoante.

2.1. Vocóides

Vocóide é todo segmento ético "ressonante central oral" (cf. Pike, 1943: 143). O vocóide tem duas características básicas:

- a) durante sua realização o ar escapa da boca por cima e não pelos lados da língua;
- b) durante sua realização não ocorre fricção na boca;

Na classificação dos vocóides (tabelas 1 e 2), levamos em consideração, por um lado:

- a) elevação da língua e maior ou menor abertura da boca;
- b) a silabidade ou assilabidade;

e por outro lado:

- a) parte da língua que é articulada;
- b) o arredondamento ou não arredondamento dos lábios;
- c) o levantamento ou não do véu palatino.

O traço fonético da duração é apresentado na tabela 2. As variações devidas a intensidade e altura serão estudadas em outro capítulo.

2.1.1. Vocóides breves

		A N T E R I O R E S				C E N T R A I S		P O S T E R I O R E S	
		Não arredond.		Arredondados		Não arredond.		Arredondados	
		oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
ALTOS	ass.	y	ỹ	w	Ẃ			w	Ẃ
	fech.								
	sil.	i	ĩ	u	ũ			u	ũ
	abertos	I	Ĩ	U	Ũ			U	Ũ
MÉ-	fechados	e	ẽ	ø	ø̃			o	õ
DIOS	abertos	ɛ	ɛ̃	ɘ	ɘ̃	e	ẽ	o	õ
BAI	fechados								
XOS	abertos					a	ã		

Tabela nº 1

2.1.2. Vocóides longos

		A N T E R I O R E S				C E N T R A I S			
		Não arredond.		Arredondados		Não arredond.		Arredondados	
		oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
ALTOS	ass.	y:	ỹ:					w:	
	fech.								
	sil.	i:	ĩ:	u:	ũ:			u:	ũ:
	abertos								
MÉ-	fechados	e:	ẽ:	ø:	ø̃:			o:	õ:
DIOS	abertos	ɛ:	ɛ̃:	ɘ:	ɘ̃:			o:	õ:
BAI	fechados								
XOS	abertos					a:	ã:		

Tabela nº 2

2.2. Contóides:

Contóides, por exclusão, são não-vocóides, ou sons aos quais os órgãos articuladores oferecem algum obstáculo ou durante cuja realização o ar escapa pelas partes laterais da língua. Os contóides geralmente são margem de sílaba fonética, mas podem também ser crista ou núcleo, como [ɱ], [ɲ], [ɳ] etc. (§ 4.6.1.).

Na classificação dos contóides (tabelas 3 e 4) separamos os simples dos complexos, levando em consideração, por um lado:

- a) os modos de articulação;
- b) modificações diversas especificadas na tabela;
- c) funcionamento ou não das cordas vocais;

por outro lado, os pontos de articulação, especificando os órgãos articuladores.

2.1.1. Contóides simples

Ponto de articulação / Modo de Articulação		LABIAIS		APICAIS		FRONTAL	DORSAIS			FAUCAL
		bi-labial	lábio-dental	pós-dental	alveolar	alveo-palatal	pré-vel.	méd. vel.	pós-velar	glotal
OCLUSIVOS	surdos	p		t			t̪	k	k̠	ʔ
	sonoros	b		d			g	g	g̠	
NASAIS	sonoros	m		n			ɲ			
FRICATIVOS FL.	surdos		f				x	x	x̠	h
	sonoros		v							
FRICATIVOS C.	surdos				s	ʃ				
	sonoros				z	ʒ				
LATERAIS	sonoros			l			ɬ			
VIBRANTE	sonoro				ʀ					
FLAPS	sonoro				ɾ					

Tabela nº 3

2.2.2. Contóides complexos

Tabela nº 4

PONTOS DE ARTICULAÇÃO		LABIAIS		APICAIS		FRONTAL	DORSAIS		FAUCAL
		bilabial	labiodental	postdental	alveolar	med. Palatal	prevelar	med. velar	postvelar
OCCLUSIVOS									
Aspirados	breves	p ^h		t ^h			k ^h	k ^h	k ^h
	longos	p ^{h̄}		t ^{h̄}			k ^{h̄}	k ^{h̄}	k ^{h̄}
Labializados	surdos			t ^w					k ^w
	sonoros	b ^w		d ^w					
Palatalizados	surdos	p ^y		t ^y			k ^y		
	sonoros	b ^y		d ^y					
AFRICADOS		pf		ts					
NASAIS	Labializados	m ^w		n ^w					
	palatalizados	m ^y		n ^y					
	silábicos	breves	ɱ		ɳ			ɳ	
		Longos	mː		nː			ɳː	
FRICATIVOS									
Labializados	surdos		f ^w		s ^w	s ^w		x ^w	h ^w
	sonoros		v ^w						
Palatalizados	surdos		f ^y		s ^y	s ^y	x ^y		h ^y
	sonoros		v ^y						
LATERAIS									
	labializadas				l ^w				
	palatalizadas				l ^y				
	silábico longo				lː				
Flaps									
VIBRANTE	labializado				ɾ ^w				
	palatalizado				ɾ ^y				
	Labializado				ɾ̃ ^w				
	Palatalizado				ɾ̃ ^y				

ANÁLISE PROVISÓRIA DOS SEGMENTOS NÃO PROBLEMÁTICOS

3.1. Consideram-se segmentos não problemáticos, contóides ou vocóides que: a) são indiscutivelmente uma unidade; b) não oferecem problemas quanto a sua classificação fonológica em vogal ou consoante, isto é, quanto a sua função e distribuição na sílaba. Já assinalámos que não há correspondência exata e necessária entre vocóide e vogal nem entre contóide e consoante.

Vocóides ou contóides não problemáticos são os que por suas características fonéticas são sempre vogais ou consoantes, respectivamente, isto é, são vocóides que sempre são núcleo de sílaba e contóides que sempre são margem de sílaba.

Recorrendo a pares mínimos, passamos a fazer uma análise provisória dos segmentos não problemáticos, cotejando os contóides em margem inicial de sílaba e os vocóides em núcleos não complexos de palavras monossilábicas.

3.2. Análise provisória dos contóides simples.

Ocorrem, em posição inicial de sílaba, os seguintes contóides não problemáticos, diante de [a] ou [ã]:

1 -	[p]	[pãh]	frigideira	[path]	vereda, trilho.
2 -	[b]	[bãh]	barbante	[bath]	mordia.
3 -	[m]	[mãh]	homem	[math]	esteira.
4 -	[f]	[fãh]	de	[fath]	barril.
5 -	[v]	[vãh]	quando	[vath]	o que.
6 -	[t]	[tãh]	dente	[takh]	batuta.
7 -	[d]	[dãh]	então	[dath]	aquilo.
8 -	[n]	[nãh]	levava	[nath]	molhado.
9 -	[s]	[sãth]	areia	[sath]	farto.
				[sats]	pulo.
10-	[š]			[šats]	namorado.
11-	[l]	[lãh]	manco	[lath]	sarrafo.
12-	[ř]			[řath]	roda.
13-	[ř]			[řath]	roda.
14-	[k]	[kãh]	bule	[kath]	gato.
15-	[g]	[gãns]	todo		
16-	[x]	[xãns]	todo	[xath]	duro.

17- [hãns] todo [hath] duro

Os contóides [ŋ], [z], [ž] e [ɹ] nunca ocorrem em posição inicial, por isso, serão estudados somente na análise final.

Os contóides pré-velares [ḳ] [g̣] [x̣] e os pós-velares [k̠] [g̠] [x̠] nunca ocorrem junto a vogal central; os pré-velares ocorrem somente junto a vogais anteriores e os pós-velares, somente junto a vogais posteriores. Estão em distribuição complementar com os contóides médio-velares - [k] [g] e [x] respectivamente, que ocorrem somente junto a vogal central.

Encontramos, de maneira geral, contrastes a) quanto ao ponto de articulação - entre labiais, apicais, frontais e dorsais. b) quanto ao modo de articulação - entre oclusivas, fricativas, nasais, lateral e "flap." (vibrante simples); c) quanto ao funcionamento ou não das cordas vocais - entre surdas e sonoras.

Por êsses contrastes se opõem entre si, todos os contóides examinados, com exceção dos seguintes:

[ř] e [r̃] ocorrem em variação livre (exemplos 12 e 13)

[h] e [x] ocorrem em variação livre, em margem inicial de sílaba; além disso, em certos casos (mas nem sempre) variam também com [g] (o caso particular dêsse contóide será examinado no parágrafo 5.1.1.2.).

Dos contrastes evidenciados, estabelecemos o seguinte quadro provisório de fonemas consonantais:

p	t	k ([ḳ], [k], [k̠].)
b	d	
m	n	
f	s š	x ([x̣], [x], [x̠], [h].)
v		
	l	
	r ([ř] e [r̃].)	

3.3. Análise provisória dos vocóides simples.

Ocorrem, em núcleo silábico, os seguintes vocóides não problemáticos:

1 - [i]	[bith]	morde!	[mis]	gato (linguagem infant.)
2 - [e]	[beth]	morde (êle)	[mes]	missa.
3 - [ɛ]	[bɛkh]	bôca	[mɛs]	faca.
4 - [u]	[bũkh]	barrigas	[stũs]	vês.

5 -	[ø]	[bøkh]	bodes	[søs]	se não
6 -	[õ]	[põth]	potes	[søs]	procures
7 -	[a]	[bakh]	bochecha		
8 -	[u]	[bukh]	barriga	[mus]	doce, "chimia".
9 -	[o]	[bokh]	bode	[mos]	deves
10-	[ɔ]	[pøkʰ]	dava conta	[mɔs]	devia.

Consideramos [i], [u] e [u] - como segmentos indiscutívelmente não problemáticos somente quando ocorrem entre dois segmentos indiscutivelmente consonantais. (para outras situações cf. §4.4.2.ss)

Entre os vocóides encontramos contrastes:

a) quanto à elevação da língua na boca - entre altas fechadas, médias fechadas e médias abertas;

b) quanto à posição da língua na boca - entre anteriores central e posteriores;

c) quanto ao arredondamento dos lábios - entre anteriores arredondadas e anteriores não arredondadas. As vogais posteriores / são sempre arredondadas e a central é não arredondada.

Temos, portanto, o seguinte quadro provisório de fonemas vocálicos:

i	ü	u
e	ø	o
ɛ	õ	ɔ

a

C A P I T U L O I V

I N T E R P R E T A Ç Ã O

Consideram-se problemáticos: a) os segmentos que, segundo as potencialidades de sua ocorrência na língua, podem ser interpretados como unidades fonêmicas ou como sequências de duas ou mais unidades; b) os segmentos que, segundo suas potencialidades de ocorrência no núcleo, satélite do núcleo ou margem da sílaba (ou em mais de uma dessas posições), podem ser interpretados como vogal, consoante, demivogal etc. (cf. Hockett, 1955:75).

A interpretação desses segmentos problemáticos abrange quatro problemas correlatos: a) interpretação de segmentos como unidade ou sequência; b) estabelecimentos de padrões silábicos; c) Interpretação dos segmentos como vogal ou consoante; d) determinação da sílaba fonética e da sílaba fonêmica.

Na solução destes problemas levaremos em conta a presença estrutural de segmentos não problemáticos e critérios de distribuição e economia.

Em virtude de sua íntima correlação, não podem estes problemas ser resolvidos separadamente; as soluções serão encontradas quase simultaneamente.¹

4.1. Interpretação de segmentos problemáticos como unidade de ou sequência.

Os segmentos problemáticos interpretáveis como unidade ou sequência podem ser reunidos nos seguintes grupos:

- 1 - contóides oclusivos surdos aspirados: [p^h] [t^h] [k^h]
- 2 - contóides africados: [pf] e [ts]
- 3 - contóides oclusivos aspirados longos: [p^hː] [t^hː] e [k^hː]
- 4 - contóides silábicos breves: [m] [n] [ŋ]
- 5 - contóides silábicos longos: [mː] [nː] [ŋː] [lː];
- 6 - contóides labializados e palatalizados: [pʷ] [p^w], etc.
- 7 - vocóides nazalizados: [ã] [ẽ] [ĩ] [õ] [ũ] etc.
- 8 - vocóides longos: [aː], [eː], [oː], [wː], [yː] etc.
- 9 - vocóides precedidos de oclusão glotal: [ʔa], [ʔe], [ʔi], [ʔo] etc.

4.1.1. Contóides oclusivos surdos aspirados

Os contóides oclusivos aspirados - [ph], [th] e [kh] - ocorrem somente no final de palavras ou no interior de palavras compostas (no final do primeiro constituinte), quando segue consoante mais vogal (§5.3.2.):

- | | |
|--------------------|--------------------|
| 1 - ['path] | trilha, vereda. |
| 2 - ['traph] | escada. |
| 3 - ['krãŋkh] | doente. |
| 4 - ['traph,ka:mə] | quarto com escada. |
| 5 - ['path,xo:n] | pata. |
| 6 - ['bukh,vey] | dôr de barriga. |

Observando êsses dados concluimos que os contóides oclusivos aspirados são unidades, porque estão em distribuição complementar com [p], [t] e [k], indiscutivelmente unidades e que nunca ocorrem no ambiente acima descrito para os aspirados.

4.1.2. Contóides africados

Segmentos africados somente ocorrem em final de sílabas:

- | | |
|-------------|-----------|
| 1 - [tapf] | bravo |
| 2 - [blets] | relâmpago |

Interpretamos êstes segmentos como seqüências, isto é, duas unidades, pois: a) [p] e [f] como [t] e [s] também ocorrem isoladamente em outras situações, como:

- | | |
|-------------------------|------------|
| 3 - [paph] | mingau |
| 4 - [fa:f] | tinta, côr |
| 5 - [tit ^h] | tempo |
| 6 - [tas] | chícara |

b) f e s ocorrem também com outros contóides na margem final de sílaba em grupos indiscutivelmente sequenciais por serem heterorgânicos: 7 - [pa:ps] papa

8 - [kɛks] olhas

9 - [xalf] metade

c) a interpretação como unidade seria anti-econômica, uma vez que oncraria o sistema com mais dois fonemas.

4.1.3. Contóides oclusivos aspirados longos

Os contóides oclusivos aspirados longos - p^h, t^h e k^h - ocorrem, pelo menos em fala tensa, contrastando com os correspondentes breves, em final de palavra:

- | | | | |
|--------------------------|----------------|--------------------------|-----------------|
| 1 - [kik ^h] | olha! | 2 - [kik ^h] | olhem! |
| 3 - [plət ^h] | passa a ferro! | 4 - [plət ^h] | passem a ferro! |

5 - [šlɔ:p^h] dorme! 6 - [šlɔ:p^h] durmam!

Há, indubitavelmente, contraste entre oclusivos breves e longos. Este contraste pode ser atribuído: a) à presença ou ausência de um fonema de duração /:/, ou b) à repetição ou não de um mesmo fonema oclusivo, /pp/, /tt/ e /kk/, respectivamente.

Preferimos a segunda hipótese, isto é, interpretar os contóides oclusivos longos aspirados como seqüências de duas unidades fonêmicas iguais, porque: a) é a solução mais econômica para o sistema fonêmico, pois evita a criação de um fonema /:/ (de duração) b) esta solução é a mais simétrica, uma vez que a duração não ocorre com todos os contóides; c) além disso, há seqüências não problemáticas de duas consoantes em posição final (exemplos 7,8 e 9 do § anterior), evidenciando a pressão estrutural de segmentos não problemáticos em favor dessa interpretação.

Fonemicamente os exemplos 2,4 e 6 dêste parágrafo se transcreverão : /kikk/ , /plɛtt/ e /šlɔ:pp/ .

4.1.4. Contóides silábicos breves

A interpretação dos contóides silábicos breves -[ɲ] [ɲ] e [ŋ] - é bastante complexa, pois, em sua discussão devem ser considerados vários problemas correlatos: a) se são unidade ou seqüência; b) se interpretados como seqüências, além dos problemas fonêmicos inerentes, teremos implicações morfofonêmicas com outros segmentos problemáticos como - [l:], [w:] e [y:]? c) se interpretados como unidade, à que classe de fonemas pertenceriam, uma vez que êstes segmentos constituem centro de sílaba fonética, mas estão em distribuição complementar evidente com segmentos indiscutivelmente consoantes (cf. §4.4.1. e ss.).

Os contóides silábicos breves ocorrem somente depois dos homorgânicos correspondentes:

- | | |
|--------------|------------------------|
| 1 - ['lapɲ] | trapos, panos. |
| 2 - ['plɛtɲ] | engomar, passar ferro. |
| 3 - ['takɲ] | sapinhas. |

Na interpretação dos contóides silábicos breves podemos estabelecer duas hipóteses (desdobrando o item a):

4.1.4.1. Os contóides silábicos breves são uma seqüência de duas unidades.

De acôrdo com esta interpretação, teríamos em cada contóide silábico a realização de dois fonemas, uma vogal /e/ e uma

consoante nasal /n/ ; a sequência /en/ teria a realização [m̩] , [ŋ] ou [ɲ] segundo o ambiente de labial, alveolar ou velar em que ocorresse. De acôrdo com esta interpretação, teríamos, pois:

- | | | | |
|-----|--------------|------------|------------------------|
| 1 - | ['lapm̩] | / 'lapen/ | trapos, panos. |
| 2 - | ['latɲ] | / 'laten/ | sarrafos |
| 3 - | ['la:kŋ] | / 'laaken/ | toalha |
| 4 - | ['kɔ:p̩m̩] | / 'kɔ:pen/ | comprar |
| 5 - | ['plɛtɲ] | / plɛten/ | engomar, passar ferro. |
| 6.- | ['pakɲ] | / 'paken/ | dar conta |

Em relação aos verbos, poderia ser apresentada uma objeção à essa interpretação. Há na língua uma classe de verbos terminados em [ɛn] , como :

- | | | |
|-----|-------------|---|
| 7 - | ['vaskɛn] | lavar |
| 8 - | ['laskɛn] | laçar , sendo que [ɛ] é alofone de /e/. |

Uma análise mais acurada nos mostra, entretanto, que a sequência en ocorre somente depois da sequência consonântica /sk/ ou /fk/, depois das quais os silábicos nunca ocorrem. Estão em distribuição complementar.

Esta interpretação tem a vantagem de preservar a correspondência entre sílaba fonética e fonêmica, mas traria maiores complicações para a análise morfofonêmica.³

4.1.4.2. Os contóides silábicos breves são uma unidade apenas

Os silábicos breves têm uma distribuição muito restrita, estando em distribuição complementar com os assilábicos correspondentes, que, indiscutivelmente são unidades. Os contóides silábicos breves ocorrem somente em final de palavra, sempre precedidos de contóide (oclusivo ou fricativo) homorgânico. Os contóides nasais assilábicos ocorrem nos de mais ambientes.

Preferimos adotar esta última interpretação que nos pareceu a mais simples para a análise total da língua.

4.1.5. Contóides silábicos longos

Os contóides silábicos longos - [m̩:] , [ɲ:] , [ŋ:] e [l:] - ocorrem em final de palavras ou no final do primeiro constituinte de palavra composta, seguida de junтура interna aberta (§5.3.1.)

- | | | |
|-----|-------------------------------|----------------|
| 1 - | ['blo:m̩:,pɔt ^h] | vaso de flôres |
| 2 - | ['kaɲ:] | poder |
| 3 - | ['laɲ:] | ser suficiente |
| 4 - | ['bʁõl:] | chorar. |

Há contraste entre contóides silábicos longos e os as silábicos breves correspondentes:

- 5 - ['blo:m] flôr (exemplo nº 1)
 6 - ['kã̃n] bule (exemplo nº 3)
 7 - ['lã̃n] muito tempo (exemplo nº 4)
 8 - ['bř̃ɔl] chora ! (exemplo nº 5).

O contraste, como no caso dos contóides aspirados longos (cf. § 4.1.3.) pode ser atribuído a um fonema de duração /:/ ou à repetição ou não de um mesmo fonema nasal ou lateral.

Preferimos a última hipótese, i.é., atribuir o contraste entre contóides silábicos longos e os assilábicos correspondentes, à repetição ou não do mesmo fonema, sendo o último foneticamente silábico. Temos, portanto : ['blo:mp], ['kã̃np], ['lã̃np] e ['bř̃ɔlp].

Esta interpretação coloca o segundo elemento da sequência na condição de contóide silábico breve, com interpretação semelhante à que apresentamos no parágrafo 4.1.4.2.

A interpretação adotada apresenta o seguinte resultado:

['blo:m:]	['blo:mp]	= /'bloomm/	flôres.
['kã̃n:]	['kã̃np]	= /'kann/	poder
['fã̃n:]	['fã̃np]	= /'fann/	pegar
['bř̃ɔl:]	['bř̃ɔlp]	= /'brell/	óculos (pl.)

4.1.6. Contóides labiazizados e palatalizados

Temos, pelo menos 12 contóides labializados, como podemos ver nos seguintes exemplos:

- | | | | |
|------|----------------|------------------------------------|----------|
| 1 - | t ^w | [t ^w ey] | dois |
| 2 - | k ^w | [k ^w ɛl] | fonte |
| 3 - | b ^w | [b ^w ɔtə] | manteiga |
| 4 - | d ^w | [d ^w ɔst ^h] | sêde |
| 5 - | m ^w | [m ^w ɔp:] | amanhã |
| 6 - | n ^w | [n ^w ɔp:] | levado |
| 7 - | f ^w | [f ^w ɔts] | logo |
| 8 - | v ^w | [v ^w ɔst ^h] | salame |
| 9 - | x ^w | [x ^w ɔt ^h] | bom |
| 10 - | š ^w | [š ^w eyə] | ferida |
| 11 - | s ^w | [be's ^w ɔpm] | bêbado |
| 12 - | ř ^w | [ř ^w ɔk ^h] | cheirava |
- ř^w ocorre em variação livre com ř^w: [ř^wɔk^h] cheirava.

Em nossos dados não ocorreram $[p^w]$ e $[l^w]$, que entretanto seriam de esperar, uma vez que ocorrem as palatalizadas correspondentes.

No "corpus" que serviu de base para esta análise ocorreram 14 contóides palatalizados:

1 -	p^y	$[p^y \epsilon t^h]$	cavalo
2 -	t^y	$[\check{s}t^y \epsilon t^h]$	cauda, rabo
3 -	k^y	$[k^y \tilde{\epsilon} n]$	mantegueira
4 -	b^y	$[b^y \epsilon t^h]$	melhor
5 -	d^y	$[d^y \epsilon t^h]$	treze
6 -	m^y	$[m^y \epsilon t^h]$	mede!
7 -	n^y	$[n^y \epsilon n]$	nove
8 -	f^y	$[f^y \epsilon r^h]$	pronto
9 -	v^y	$[v^y \epsilon t^h, b^y : m]$	salseiro
10 -	\check{s}^y	$[\check{s}^y \epsilon m :]$	envergonhar-se
11 -	s^y	$[s^y \epsilon f]$	pencira
12 -	x^y	$[x^y \epsilon r^h]$	guloso
13 -	\dot{l}^y	$[\dot{l}^y \epsilon r^h]$	couro
14 -	\check{r}^y	$[\check{r}^y \epsilon t^h]$	arriata (variante $[\check{r}^y \epsilon ath]$)

Observando os dados, constatamos que a) os contóides labializados e palatalizados não estão em distribuição complementar entre si:

$[k^w \epsilon l]$ fonte $[k^y \epsilon n]$ mantegueira

b) os contóides labializados e palatalizados não são alofones dos correspondentes não modificados, pois, contrastam com estes:

$[k^w \epsilon at^h]$	medida (1/4 de alqueire)	$[kat^h]$	gato
$[m^y \epsilon t^h]$	mede!	$[m \epsilon t^h]$	com

Os segmentos labializados e os segmentos palatalizados podem ser interpretados como uma sequência de dois elementos, o segundo dos quais é $[w]$ (vocóide alto posterior arredondado) ou $[y]$ (vocóide alto anterior, não arredondado), respectivamente. As sequências em questão ocorrem isoladamente como segmentos simples em outros ambientes, não havendo nenhuma justificativa para outra interpretação.

4.1.7. Vocóides nasalizados

Os vocóides nasalizados só ocorrem seguidos de contóides nasais, como em :

1 -	$[\check{r} \tilde{i} nt^h]$	novilha	2 -	$[l \tilde{a} mp^h]$	luz, candieiro
3 -	$[l \tilde{e} nt^h]$	emprestado	4 -	$[b \tilde{u} nt^h]$	pintado, colorido.

Como os vocóides orais nunca ocorrem nesse contexto, conclui-se que os vocóides nasalizados são condicionados pelo ambiente, ou mais explicitamente, pelo contóide nasal que os segue. Assim, o traço de nasalização não é fonêmico nesta língua e, portanto, não compromete a unidade do vocóide, que é interpretado como alofone do mesmo fonema que inclui o vocóide oral correspondente.

4.1.8. Os demais segmentos interpretáveis como unidade ou sequência, enumerados em 4.1.0., não podem ser interpretados satisfatoriamente sem primeiro estabelecermos os padrões silábicos não problemáticos da língua.

4.2. Padrões silábicos não problemáticos

Para resolver certos problemas de interpretação, tanto de unidade ou sequência como de consoante ou vogal, apelamos para os padrões silábicos não problemáticos que nos mostram a pressão estrutural da língua em favor da interpretação mais simétrica e acertada.

Tomando por base palavras formadas por segmentos não problemáticos (que nos mostram a pressão estrutural da língua), assim como pelos segmentos já interpretados nos parágrafos precedentes, estabelecemos a seguinte fórmula: $+C^3 + V \pm C^3$, ou melhor $+MI:C^3 + N:V \pm MF:C^3$, (leia-se: margem inicial obrigatória constituída por até três consoantes, núcleo obrigatório constituído por uma vogal e margem final opcional, constituída por até três consoantes) fórmula gerativa que pode ser desdobrada em doze padrões diferentes:

- 1 - CV
- 2 - CCV
- 3 - CCCV
- 4 - CVC
- 5 - CCVC
- 6 - CCCVC
- 7 - CVCC
- 8 - CCVCC
- 9 - CCCVCC
- 10 - CVCCC
- 11 - CCVCCC
- 12 - CCCVCCC

4.2.1. Padrão CV

Exemplos: 1 - /'lçte/	['lçtə]	escada
2 - /'bçke/	['bçkə]	padeiro
3 - /'vo/	['vo]	onde
4 - /'fate/	['fatə]	pai
5 - /ka'nçke/	[ka'nçkə]	caneca

4.2.2. Padrão CCV

Exemplos: 1 - /'flake/	['flakə]	mais plano
2 - /'brçte	['brçtə]	táboa
3 - /ška'bok/	[ška'bok ^h]	sabugo
4 - /'drçkex/	['drçkex]	sujo
5 - /'škçpe/	['škçpə]	esp. de concha

4.2.3. Padrão CCCV

Exemplos: 1 - /'šplete/	['špletə]	estrepe
2 - /'štrçne/	['štrçnə]	mais rigoroso
3 - /štra'bānt	[štra'bānt ^h]	malandro
4 - /'štrame/	['štramə]	mais firme
5 - /'špralex/	['špralex]	cheio de galhos.

4.2.4. Padrão CVC

Exemplos: 1 - /'dek,kop/	['dek ^h ,kop ^h]	teimoso, cebeçudo
2 - /'vasken/	['vaskən]	lavar
3 - /'kos/	['kos]	beijo
4 - /'tam/	['tām]	manso
5 - /'kan/	['kān]	bule (pode)

4.2.5. Padrão CCVC

Exemplos: 1 - /'brel/	['br̃el]	óculos (sing)
2 - /'knol/	['knol]	tubérculo
3 - /'štal/	['štal]	chiqueiro, rancho
4 - /'špas/	['špas]	graça
5 - /'plat/	['plat ^h]	chato

4.2.6. Padrão CCCVC

Exemplos: 1 - /'škrçk.lex/	['škr̃çklex]	muito
2 - /'štrçn/	['štr̃çn]	rigoroso
3 - /'šprin/	['špr̃in]	pula!
4 - /'štram/	['štram]	firme, apertado
5 - /'škrət/	['škr̃ət ^h]	chumbo (de caça)

Padrão 4.2.7. Padrão CVCC

Exemplos: 1 - /xe'bçts/	['x̃e'bçts]	oração
2 - /xe'bçks/	['x̃e'bçks]	doces
3 - /'salm/	['salm]	salmo

4 - /'pɛks/	[ˈpɛks]	pegas
5 - /'lɑmp/	[ˈlɑmp ^h]	lâmpada

4.2.8. Padrão CCVCC

Exemplos: 1 - /'šloxt/	[ˈšloxt ^h]	grota, desfiladeiro
2 - /'plats/	[ˈplats]	lugar
3 - /'břets/	[ˈbřets]	tabuleiro
4 - /'klaps/	[ˈklaps]	bates
5 - /'blɛts/	[ˈblɛts]	relâmpago

Padrão 4.2.9. Padrão CCCVCC

Exemplos: 1 - /'škramp/	[ˈškramp ^h]	arranhão
2 - /'šplɛnt/	[ˈšplɛnt ^h]	molha (v. molhar)
3 - /'škrɑŋk/	[ˈškrɑŋk ^h]	armário
4 - /'škraps/	[ˈškraps]	raspas (verbo)
5 - /fe'škrɛkt/	[fe'škrɛkt ^h]	assustado

4.2.10. Padrão CVCCC

Exemplos: 1 - /'xɛlps/	[ˈxɛlps]	ajudas (verbo)
2 - /'xɛŋks/	[ˈxɛŋks]	garanhão
3 - /be'dɑŋkt/	[be'dɑŋkt ^h]	agradecido
4 - /'dɛŋks/	[ˈdɛŋks]	lembras
5 - /'xɛlps/	[ˈxɛlps]	ajudavas

4.2.11. Padrão CCVCCC

Exemplos: 1 - /'klɛmpt/	[ˈklɛmpt ^h]	trepado
2 - /'štɑmps/	[ˈštɑmps]	socas (verbo)
3 - /'krɑmpt/	[ˈkrɑmpt ^h]	grampeado
4 - /'klɛmps/	[ˈklɛmps]	trepas
5 - /'blɛŋkt/	[ˈblɛŋkt ^h]	tornado brilhante

4.2.12. Padrão CCCVCCC

Exemplos: 1 - /'šplɛnts/	[ˈšplɛnts]	respingas
2 - /'af, šprɔtst/	[ˈʔaf, šprɔtst ^h]	pulverizado
3 - /'an, štrɛŋkt/	[ˈʔan, štrɛŋkt ^h]	esforçado
4 - /'af, škrɑmpt/	[ˈʔak, škrɑmpt ^h]	raspado
5 - /'škrɑmps 'af/	[ˈškrɑmps 'ʔaf]	raspas

Os padrões silábicos problemáticos serão estabelecidos depois de interpretados todos os segmentos problemáticos.

4.3. Outros problemas de unidade ou seqüência

Os segmentos éticos que oferecem possibilidades de interpretação como unidade ou seqüência, e que ainda não foram resolvidos, são: 1 - vocóides silábicos longos;

2 - vocóides assilábicos longos;

3 - vocóides precedidos de oclusão glotal.

4.3.1. Vocóides silábicos longos

Conforme observamos no capítulo II, o número de vocóides silábicos longos é quase igual ao dos breves.

Exemplos de ocorrência:

1 - i:	[^h 'vi:t]	longe
2 - e:	[^h 'xe:f]	fermento
3 - ξ:	[^h 'kɛ:mp:]	pentear-se
4 - u:	[^h 'tu:n]	cêrcas
5 - θ:	[^h 'bθ:k]	livros
6 - ð:	[^h 'bɣ:t]	pães
7 - a:	[^h 'pla:st]	chapa de fogão
8 - u:	[^h 'tu:n]	cêrca
9 - o:	[^h 'bo:k]	livro
10 - ɔ:	[^h 'ʃlɔ:st]	alface

Há contraste entre os vocóides longos e os breves correspondentes:

11 - [^h 'xɛf]	dá	12 - [^h 'xe:f]	fermento
13 - [^h 'bɔk]	bode	14 - [^h 'bo:k]	livro
15 - [^h 'bɣst]	fritava	- [^h 'bɣ:st]	pão etc.

A duração é portanto ômica. Podemos apresentar o contraste entre vocóides longos e breves: a) estabelecendo um fonema de duração /:/; b) interpretando os vocóides longos como uma unidade vocálica longa; c) considerá-los como duas unidades vocálicas /VV/, ou seja, [a:] = /aa/.

Adotada a primeira hipótese, teríamos o acréscimo de um fonema de duração /:/, de ocorrência singular e com o conseqüente reconhecimento de novos padrões silábicos. Adotada a segunda, acrescentaríamos 10 fonemas vocálicos e novos padrões ao sistema fonêmico, solução evidentemente anti-econômica.

A terceira hipótese, que não acarreta o reconhecimento de novos fonemas, é mais econômica em relação às anteriores. A duplicação virtual dos padrões silábicos não problemáticos é inevitável em qualquer uma das hipóteses. Preferimos, portanto, esta última com o seguinte resultado:

- 1 - [i:] = /ii/ como em /viit/ longe
- 2 - [e:] = /ee/ como em /veet/ sabe
- 3 - [ɛ:] = /ɛɛ/ como em /kɛɛm/ penteia!
- 4 - [u:] = /uu/ como em /vüütñ/ irado
- 5 - [ø:] = /øø/ como em /bøøk/ livros
- 6 - [ö:] = /yy/ como em /bryyt/ pães
- 7 - [a:] = /aa/ como em /faaf/ côr, tinta
- 8 - [u:] = /uu/ como em /vuut/ raiva
- 9 - [o:] = /oo/ como em /klook/ ladino, esperto
- 10 - [ɔ:] = /ɔɔ/ como em /štroɔt/ estrada.

4.3.2. Vocóides assilábicos longos

Os vocóides assilábicos longos, que ocorrem na língua somente em posição final, são [w:] e [y:], como em:

- 1 - ['baw:] construir
- 2 - ['dray:] torcer

Como no caso dos silábicos longos, temos, também, contraste com os correspondentes breves:

- 3 - ['baw] constrói!
- 4 - ['dray] torce!

Como no parágrafo anterior, há três possibilidades de interpretação. A solução mais econômica é a interpretação como duas unidades, portanto:

- [w:] = /ww/, como em /baww/ construir
 [y:] = /yy/, como em /drayy/ torcer

4.3.3. Vocóides precedidos de oclusão glotal

Todos os vocóides silábicos podem ocorrer, precedidos de oclusão glotal, em posição inicial de palavra:

- 1 - ?i [ʔisə] ferro
- 2 - ?e [ʔek^h] eu
- 3 - ?ɛ [ʔɛk^h] canto
- 4 - ?u [ʔumə] sempre
- 5 - ?ø [ʔøřə] sua
- 6 - ?ö [ʔɔflex] repetidas vezes
- 7 - ?a [ʔaxt^h] oito
- 8 - ?u [ʔunə] sêbo
- 9 - ?o [ʔosə] nossa
- 10 - ?ɔ [ʔɔk^h] também

Aplicando, na interpretação destes segmentos o critério da pressão estrutural manifestada pelos padrões silábicos, seria

mos levados a considerá-los como duas unidades: uma consoante oclusiva glotal /ʔ/ e uma vogal /V/. Efetivamente, não temos nos dados, nenhum padrão silábico não problemático - V , VC, VCC, ou VCCC, que justificasse, pelo critério citado, qualquer outra interpretação. A oclusiva glotal /ʔ/ seria a margem inicial da sílaba fonêmica: CV como em /ʔi/ vós
 CVC como em /ʔ k/ também
 CVCC como em /ʔaxt/ oito
 CVCCC como em /ʔampt/ emprêgo.

A interpretação dos vocóides precedidos de oclusão glotal como duas unidades estabelece um novo fonema /ʔ/ e não nos obriga a estabelecer novos padrões silábicos. Mas, por outro lado, a distribuição do fonema /ʔ/ seria muito limitada. Tão limitada que podemos predizê-la. A oclusão glotal ocorre somente antes de vogais: a) em posição inicial de palavra, ou seja, depois de pausa ou silêncio, e b) em palavras compostas, depois de junctura interna aberta (cf§5.3.2.):

[ʔstɛm,ʔisə] formão
 [ʔnɔst^h,ʔa:y] caçula (gíria)
 [ʔsko:l,ʔampt^h] magistério
 [ʔfeks ʔũn'fɛřex] pronto (expressão idiomática)

Nos dados colhidos, nenhuma palavra começa por vocóide silábico e nenhum vocóide assilábico vem precedido pela oclusão glotal.

A oclusão glotal pertence sempre à sílaba da vogal seguinte; foneticamente é margem inicial desta sílaba.

Em fala tensa a oclusão glotal se mantém em tôdas as situações apontadas, mas em fala rápida se comporta de maneira instável ou intermitente. Depois de pausa se conserva, mas desaparece no meio de palavras compostas e mesmo em início de palavras, quando a pausa é suprimida: [ʔek^h ʔũn 'du] (eu e tu) e fala rápida pode ficar [ʔekũn'du].³

Como a oclusão glotal é um contóide instável ou inconsistente em certas situações, e, como tem uma distribuição muito limitada, podemos interpretá-la, também, como um "traço fonético" das vogais em certos ambientes⁴. Adotada esta interpretação, teríamos para cada fonema vocálico um alofone a mais - vocóide glotalizado - diferente dos alofones não glotalizados.

A distribuição dêsses alofones é a seguinte: o vocóide

glotalizado ocorre em posição inicial de palavra, depois de pausa silêncio ou juntura interna aberta; o vocóide não glotalizado (de cada fonema vocálico) ocorre nos demais ambientes, ou seja, depois de consoantes.

Resumindo, temos duas hipóteses: a) os vocóides glotalizados são duas unidades - uma consoante /ʔ/ e uma vogal /V/. Esta interpretação é aconselhada pela pressão estrutural dos padrões silábicos, aos quais se adapta plenamente. Em relação à seguinte, apresenta a desvantagem da criação do fonema /ʔ/; b) os vocóides glotalizados são uma unidade apenas. A oclusão glotal é, apenas, um traço fonético das vogais, quando estas ocorrem imediatamente depois de pausa ou juntura interna aberta. Esta interpretação tem a seu favor: a economia de um fonema /ʔ/ de caráter muito instável e com distribuição muito limitada. Sua adoção obriga-nos, entretanto a estabelecer pelo menos quatro padrões silábicos adicionais: V, VC, VCC, VCCC.

Confrontando vantagens e desvantagens, preferimos a última hipótese, - uma unidade -, que também tem sido preferida em análises do alemão, em que a ocorrência de vocóides precedidos por oclusão glotal é semelhante⁴.

4.4. Interpretação de segmentos problemáticos como vogal ou consoante.

Os segmentos problemáticos que podem ser interpretados como vogal ou consoante podem reunir-se em dois grupos:

- 1 - contóides silábicos m , n , ŋ e l ;
- 2 - vocóides assilábicos y , w e w .

4.4.1. Contóides silábicos

Decidimos no §4.1.4., que os contóides silábicos são uma unidade apenas. Falta estabelecer a que classe de fonemas pertencem.

Há três hipóteses a examinar detalhadamente:

- 1 - Os silábicos são vogais, em sílaba de intensidade fraca e de padrão CV;
- 2 - Os contóides silábicos formam uma classe especial de fonemas demivogais (cf §4.4.1.2.);
- 3 - Os contóides silábicos são consoantes, alofonos dos homorgã-

nicos não silábicos, com os quais estão em distribuição complementar.

4.4.1.1. Os contóides silábicos são vogais, em sílaba de intensidade fraca e de padrão CV. em síl

Os contóides silábicos constituem centro de sílaba fonética. Interpretando os referidos silábicos como vogais, asseguramos uma coincidência entre sílaba fonética e fonêmica, além de não criar problemas quanto aos padrões silábicos da língua. Teríamos, nesta hipótese, a seguinte situação:

[<u>ʃlɔ:pm̃</u>]	/CCVV.CV	(dormir)
[<u>plɛtɲ̃</u>]	/CCV.CV	(engomar)
[<u>kikɲ̃</u>]	/CV.CV/	(olhar)
[<u>vell̃</u>]	/CV.CV/	(querer)

Parece, à primeira vista que esta interpretação exige a criação de quatro fonemas /m/, /n/, /ɲ/ e /l/, mas podemos reunir todos os silábicos como alofones de um mesmo fonema vocálico, simbolizado arbitrariamente /N/, vogal com as realizações:

[m̃] contóide nasal bilabial silábico depois de consoante labial /p/, /m/ e /f/, como /ʃlɔ:pm̃/.

[ɲ̃] contóide nasal silábico depois de /t/ e /n/, como em /plɛtɲ̃/.

[ɲ̃] contóide nasal velar silábico, depois de consoante velar, /k/ /ɲ/ e /x/, como em /kikɲ̃/.

[l̃] contóides lateral silábico, ocorrendo somente depois de /l/, como em /vell̃/.

Esta interpretação é anti-econômica em relação às seguintes, porque exige a criação do fonema vocálico /N/, com distribuição muito limitada.

4.4.1.2. Os contóides silábicos formam uma classe especial, as "demivogais".

De modo geral, os fonemas podem ser enquadrados em várias classificações estruturais, segundo semelhanças ou diferenças de sonoridade ou privilégio de ocorrência em determinados ambientes. Uma divisão mais universal e mais aceita na classificação dos fonemas é a de consoante e vogal, maugrado as dificuldades de delimitação entre as duas classes; segundo critérios distribucionais, é consoante o segmento que ocorre como margem de sílaba e vogal o que ocorre como núcleo.

Dá-se, entretanto, que os contóides silábicos estão em distribuição complementar com os homorgânicos assilábicos:

1 - ['lap̃m]	trapos, panos	2 - [lãm]	manco
3 - ['pat̃p]	patos	4 - [pãn]	frigideira
5 - ['la:kn]	lençol, toalha	6 - [lan]	há muito tempo.
7 - ['břöll]	chorar	8 - [břöll]	chora!

Os contóides silábicos ocorrem sòmente em posição final, depois de outro contóide homorgânico.

Os assilábicos ocorrem nas demais situações, i.é., posição inicial, medial e em posição final de palavra quando precedidos de vogal (exceto [ŋ] que não ocorre em posição inicial). Há, portanto, evidência para reunir silábicos e assilábicos em quatro fonemas, da seguinte forma:

/m/ = nasal bilabial, com realizações [m] ou [m̃];

/n/ = nasal pós-dental ou alveolar, com realizações [n] ou [ñ];

/ŋ/ = nasal velar, com realizações [ŋ] ou [ŋ̃];

/l/ = lateral alveolar, com realizações [l] ou [l̃] e [l̄];

Uma vez reunidos num só fonema, constatamos que /m/, /n/, /ŋ/ e /l/ são ora margem ora núcleo de sílaba.

Surge então o problema de classificar fonemas que são ao mesmo tempo margem e núcleo de sílaba. A fonemas que ap^{re}sentam semelhante distribuição na sílaba chamamos "demivogais" (cf. Hockett, 1955:75). Os fonemas /m/, /n/, /ŋ/, e /l/ podem, pois, ser classificados como demivogais.

Esta interpretação: a) é mais econômica em relação à anterior porque não cria novos fonemas; b) não estabelece um desajuste entre sílaba fonética e fonêmica; c) deixa clara a diferença entre vogais e demivogais - as vogais podem ocorrer em sílaba acentuada, as demivogais não; estas só podem ocorrer como núcleo de sílaba átona de padrão CV.

A única desvantagem desta interpretação é o estabelecimento de mais uma classe de fonemas e a conseqüente complicação nos padrões silábicos.

4.4.1.3. Os contóides silábicos são consoantes, alofonos dos homorgânicos assilábicos, com os quais estão em distribuição complementar.

Interpretando os contóides silábicos como consoantes fazemos, por um lado, economia de fonemas (em relação à primeira hipótese) e, por outro lado, de classes de fonemas e de padrões silábicos (em relação à segunda).

O único inconveniente desta interpretação é estabelecer um desajuste, uma não correspondência entre sílaba fonética e fonêmica:

<u>Sílaba fonética</u>		<u>Sílaba Fonêmica</u>	
['kikŋ]	CV.CV	/kikŋ/	CVCC
['klɛmpm]	CCVC.CV	/klɛmpm/	CCVCCC
['kɛnn]	CV.CV	/kɛnn/	CVCC
['vell]	CV.CV	/vell/	CVCC

Na realidade, este inconveniente não é grave, pois:

a) segundo Pike, não há necessária correspondência e coincidência entre sílaba fonética e fonêmica; (cf§4.6.2.) b) a sílaba fonética, cujo núcleo é ocupado por um contóide silábico, apresenta diferenças fundamentais da sílaba cujo núcleo é ocupado por vogal. Os contóides silábicos nunca ocorrem em sílaba foneticamente acentuada, onde somente as vogais ocorrem. E. além disso, a silabidade destes contóides é fonologicamente determinada pelo ambiente.

4.4.1.4. Conclusão

Pesando vantagens e desvantagens nas várias possibilidades, parece-nos que a última hipótese é a mais conveniente para nossa análise, pois: a) em relação à primeira hipótese, representa a economia do fonema /N/, com vários alofones; b) em relação à segunda, uma simplificação das classes de fonemas e padrões silábicos; c) a não correspondência entre sílaba fonética e fonêmica não cria maiores dificuldades, pois é fundamentalmente um problema de interpretação; d) os contóides silábicos são não só etimologicamente diferentes dos vocóides silábicos, mas também têm uma distribuição e função diferentes. A silabidade dos contóides aqui analisados é inteiramente condicionada pelo ambiente em que ocorrem.

Portanto, não há porque fugir da interpretação dos contóides silábicos como CONSOANTES, alofones dos homorgânicos assilábicos correspondentes, com os quais estão em distribuição complementar.

Não formam sílaba fonêmica, mas são margem posterior de sílaba, cujo núcleo é a vogal imediatamente anterior.

4.4.2. Vocóides assilábicos

A interpretação dos vocóides assilábicos [y], [w] e [w] es-

tá relacionada, pela semelhança fonética, com a dos vocóides altos silábicos $-[i], [u]$ e $[u]$, interpretados como vogais, quando os segmentos circunstantes são indiscutivelmente consoante (§3.3.).

Esta interpretação já não é tão evidente nos seguintes exemplos:

- | | | |
|-----|-------------|-----------------------|
| 1 - | $['yitun]$ | engano |
| 2 - | $['wuk^h]$ | canga |
| 3 - | $['kwut^h]$ | Kurt (nome de pessoa) |

A correlação entre vocóides altos silábicos e assilábicos deve ainda ser levada em conta, dada a possibilidade de estarem em distribuição complementar.

4.4.2.1. Ocorrência dos vocóides assilábicos

- a) em posição inicial:
- | | | |
|-----|------------|----------------|
| 1 - | $['yowə]$ | ano |
| 2 - | $['wunsq]$ | o mais moço |
| 3 - | $['wɔřə]$ | recado notícia |
- b) entre consoante e vogal:
- | | | |
|-----|--------------|----------------|
| 4 - | $['xyɛl]$ | amarelo |
| 5 - | $['kwɛ]$ | fonte |
| 6 - | $['kwɔst^h]$ | casca (do pão) |
- c) entre vogais:
- | | | |
|-----|-----------|-------|
| 7 - | $['diyə]$ | bicho |
| 8 - | $['duwə]$ | caro |
| 9 - | $['dowə]$ | ali. |
- d) depois de vogal, seguida de consoante ou de pausa:
- | | | |
|------|---------------|----------|
| 10 - | $['bawm]$ | árvore |
| 11 - | $['kow]$ | vaca |
| 12 - | $['kɔw]$ | vacas |
| 13 - | $['xaym,vey]$ | saudades |

Quanto à função na sílaba os vocóides assilábicos podem ser interpretados como: a) margem ou parte da margem;

b) satélites do núcleo.

4.4.2.2. Análise contrastiva dos vocóides assilábicos

Encontramos contrastes entre $[y]$ e $[w]$:

- | | | | | | |
|-----|------------|---------|------|-----------|---------------|
| 1 - | $['klay]$ | tropa | 2 - | $['klaw]$ | pata (do boi) |
| 3 - | $['bawm]$ | árvores | 4 - | $['baym]$ | árvores |
| 5 - | $['bla:y]$ | anil | 6 - | $['blaw]$ | azul |
| 7 - | $['yowə]$ | ano | 8 - | $['wɔřə]$ | recado |
| 9 - | $['kwɛl]$ | fonte | 10 - | $['xyɛl]$ | amarelo |

Não encontramos nenhum par mínimo que manifestasse contraste entre [w] e [y] ou [w], pois, o vocóide assilábico anterior arredondado, ocorre somente junto a vogal anterior arredondada, onde os outros nunca ocorrem. Estabelecemos, então que [w] está em distribuição complementar com [y]⁵:

- [w] - ocorre em ambiente de vogal anterior arredondada;
 [y] - ocorre nos demais ambientes, contrastando com [w].

4.4.2.3. Hipóteses de interpretação

Não nos apressamos, no parágrafo anterior, em estabelecer que há dois fonemas assilábicos na língua. Precisamos, em primeiro lugar, analisar outras possibilidades ou hipóteses de interpretação:

- 1 - Os vocóides assilábicos e silábicos altos são alofones dos fonemas vogais /i/, /u/ e /u/;
- 2 - Os vocóides assilábicos e silábicos altos formam uma classe de fonemas "onipotentes". (Esta interp. não exclui a la)
- 3 - Os vocóides assilábicos [y] e [w] são fonemas semiconsoantes, distinguindo-se dos silábicos correspondentes que são vogais.
- 4 - Os vocóides altos assilábicos são consoantes, distinguindo-se da mesma forma dos silábicos que são vogais.

4.4.2.3.1. Primeira hipótese

Os vocóides assilábicos são alofones dos fonemas /i/, /u/ ou /u/, respectivamente, ocorrendo somente como satélites do núcleo da sílaba, ao passo que os alofones silábicos ocorrem somente como núcleo.

De acôrdo com esta interpretação teremos teremos:

- | | | |
|--------------------------|----------|-------------|
| 1 - [blaw] | /blau/ | azul |
| 2 - [kyɛn] | /kyɛn/ | mantegueira |
| 3 - [škwɔts] | /škuɔts/ | avental |
| 4 - [vu:t ^h] | /vuut/ | raiva |
| 5 - [vi:t ^h] | /viit/ | longe |
| 6 - [vutn] | /vüutn/ | irado |

Para que esta hipótese seja viável, temos de estabelecer que: a) em toda sílaba com duas vogais altas geminadas, temos foneticamente um vocóide silábico longo; b) em toda sílaba com duas ou três vogais, a que não é alta é o núcleo da sílaba. A outra ou as outras (como em /'tuei/=dois) são satélites do núcleo. Em outras palavras, em toda sílaba com vogais não geminadas, as altas são sempre satélites.

Esta hipótese, em relação às duas últimas, representa a economia de dois fonemas e, em relação à segunda, maior simplificação nas classes de fonemas. Mas, existem, também as seguintes objeções:

1 - Na língua não existe nenhum padrão silábico não problemático com núcleo/VV/ ou /VVV/. Estabelecemos por interpretação, padrões /VV/ para as vogais geminadas (vocóides longos). Admitida a hipótese em questão, teríamos que estabelecer mais uma série de padrões silábicos com três vogais no núcleo, como em /'tuei/ "dois."

2 - Em inúmeros casos, a interpretação dos vocóides assilábicos como alofones das vogais altas traz sérias confusões na divisão silábica das palavras ou na distinção fonética entre vocóides longos e sequência de vocóide silábico e assilábico. Vejamos alguns exemplos:

7 -	['puwɔɪ]	/'puuɔɪ/	poste
8 -	['kiyək ^h]	/'kiyek/	igreja
9 -	['diyə]	/'diye/	bicho
10 -	['baw:]]	/'bauu/	construir
11 -	['klay:]]	/'klayy/	trepar
12 -	['vu:t ^h]	/vuut/	raiva
13 -	['vi:t ^h]	/viit/	longe
14 -	['k ^w ut ^h]	/kuut/	Kurt
15 -	['yitun]	/iitun/	engano, dúvida.

Nos três primeiros exemplos temos duas sílabas, com três vocóides diferentes, todos breves. Nos exemplos 10 e 11 temos foneticamente dois vocóides: um silábico breve e um assilábico longo, formando, entretanto três unidades ômicas. Adotada esta hipótese, não podemos prever exatamente quando uma sequência /uu/ representa [u:] ou [w:] ou [uw] ou, quando uma sequência /ii/ representa [i:], [y:] ou [iy], como podemos constatar nos exemplos citados.

A confusão, que esta interpretação traz, pode ser melhor constatada se cotejarmos os exemplos 12 a 15. [k^wut^h] seria interpretado como /'kuut/; mas esta forma fonêmica representaria também ['ku:t^h] que, entretanto não ocorre. Por outro lado /'vuut/ , foneticamente ['vu:t^h], representaria também ['v^wut^h] que igualmente não ocorre. O mesmo vale para [yitun], /iitun/ que igualmente poderia ser interpretado como [i:tun] que nunca ocorre.

3 - A confusão que esta hipótese traz seria diminuída um pouco se estabelecessemos que a oclusão glotal é um fonema. Conside-

rando a oclusão glotal apenas como um traço fonético das vogais em determinados ambientes, temos que abandonar completamente a interpretação dos assilábicos como alofones das vogais. Isto por que vocóides silábicos e assilábicos comportam-se de maneira inteiramente diferente depois de silêncio, pausa ou junctura interna aberta. Nesses ambientes, os vocóides silábicos altos (como todos os demais silábicos que ocorrem em posição inicial de palavra) são precedidos de [ʔ] oclusão glotal, enquanto que os assilábicos nunca são precedidos por oclusão glotal. Como ambos ocorrem em posição inicial de palavra, torna-se evidente que a interpretação dos assilábicos como alofones das vogais altas, traria sérios embaraços. Pelos exemplos seguintes:

16 -	[ʔi:s]	/iis/	gêlo
17 -	[ʔyitun]	/yitun/	dúvida, engano
18 -	[ʔwuk ^h]	/uuk/	canga
19 -	[ʔuapm]	/uapm/	ensaiar
20 -	[ʔuwə]	/uue/	relógio
21 -	[ʔwɔre]	/ure/	recado

notamos, claramente que esta interpretação obscurece o contraste e a distribuição dos vocóides silábicos glotalizados e assilábicos, estabelecendo completa confusão em seu condicionamento.

Como vimos no item anterior, haveria sérias restrições na admissão desta hipótese, mesmo que considerássemos a oclusão glotal como fonema. É, entretanto, preciso lembrar que o único argumento em favor da interpretação de [ʔ] como fonema seria a pressão estrutural dos padrões silábicos. E se este argumento é tão válido para a oclusão glotal, deveria também ser invocado na interpretação do vocóides assilábicos, que ocorrem nos exemplos 16 a 21.

4.4.2.3.2. Os vocóides silábicos altos e os assilábicos formam uma classe de fonemas glotalizados (2a. hipótese).

De acôrdo com esta hipótese temos os fonemas /i/ com alofones [i] e [y], /y/ com alofones [u] e [w] e /u/ com alofones u e w, que podem ocorrer como núcleo de sílaba, satélite do núcleo e margem de sílaba. Para que esta hipótese seja viável, é imprescindível admitir a oclusão glotal como fonema, a fim de escapar às complicações apontadas no item 3 do parágrafo anterior. Na verdade, esta hipótese representa a economia de ape-

nas um fonema em relação às hipóteses seguintes; cria, porém, uma nova classe de fonemas com as consequentes complicações nos padrões silábico. Além disso, estamos sujeitos às mesmas complicações apontadas no item 2 do §4.4.2.3.1. pelo que preferimos abandonar esta hipótese.

4.4.2.3.3. Os vocóides assilábicos w e y são fonemas semiconsoantes.

Semiconsoante é todo fonema que ocorre como satélite do núcleo da sílaba ou como margem (inicial ou final)(cf.Hockett 1955:74/5) Temos, de acordo com esta hipótese o fonema /w/ com um alofone ou realização w e o fonema /y/ com os alofones w e y (cf.§4.4.2.2.), ocorrendo com margem (exemplos 17 e 21 do §4.4.2.3.1.) e como satélite do núcleo (exemplos 1 e 3 do citado parágrafo).

Esta interpretação é viável. Não vamos adotá-la por criar uma nova classe de fonemas, sem compensação por uma maior clareza da análise da língua ou por redução do número de fonemas.

4.4.2.3.4. Os vocóides assilábicos w e y são fonemas consoantes.

Os vocóides assilábicos, de acordo com esta interpretação, são sempre margem de sílaba, podendo ser reunidos em dois fonemas consonantais:

/w/ consoante semivogal com a realização w - vocóide bilabial, alto, posterior, arredondado, assilábico.

/y/ consoante semivogal, com as realizações:

w vocóide anterior, alto, arredondado, assilábico, em ambiente de vogal anterior arredondada;

y vocóide alto anterior não arredondado e assilábico, ocorrendo no demais ambientes.

Adotamos, em nossa análise, esta interpretação pelas seguintes razões:

1 - Pressão estrutural dos padrões silábicos não problemáticos. Os assilábicos ocorrem, como já vimos, em posição inicial de sílaba, entre vogais, entre vogal e consoante. Os padrões silábicos não problemáticos mostram que a interpretação como margem é a melhor porque: a) não há nenhum padrão não problemático que comece por vogal. Todos começam por consoante; b) no núcleo da sílaba ocorre apenas uma vogal. Estabelecemos um núcleo /VV/ em virtude da interpretação dos vocóides longos. Entretanto, se não

interpretássemos os assilábicos como consoantes teríamos que estabelecer padrões silábicos com três vogais no núcleo /VVV/.

2 -. Esta interpretação traz uma simplificação nas classes de fonemas e na estrutura da sílaba fonêmica:

Sílaba - Classes de Fonemas

	Núcleo	margem
Vogal	sim	não
Consoante	não	sim

Tabela Nº 5

Enquanto que, admitidas ou a segunda ou a terceira hipótese, teríamos uma classe a mais de fonemas e uma sílaba mais complexa com margem, núcleo e satélite do núcleo:

Sílaba e Classes de fonemas

	núcleo	satélite	margem
Vogal	sim	não	não
Consoante	não	não	sim
Semiconsoante	não	sim	sim
Onipotente	sim	sim	sim

Tabela nº 6 (cf. Hackett, 1955:75)

A criação de novas classes de fonemas não resolve satisfatoriamente o problema dos vocóides assilábicos. A melhor solução é interpretá-los como consoantes:

/'yowe/ ano /CV.CV/
 /'yitun/ dúvida /CV.CVC/
 /'w re/ recado /CV.CV/.

4.5. Padrões silábicos problemáticos

Os padrões silábicos não problemáticos, resumem-se na fórmula: +MI:C³ + N:V +MF:C³, já desenvolvidas e descritas nos parágrafos 4.2. a 4.2.12.

Temos de estabelecer novos padrões silábicos, em vista da: a) interpretação dos vocóides silábicos longos como duas unidades; b) interpretação da oclusão glotal como traço fonético das vogais em determinados ambientes; c) interpretação de /y/ e /w/ como consoantes.

Face às interpretações dadas, encontramos na língua os seguintes padrões silábicos, ainda não estudados:

a) Padrões silábicos com duas vogais no núcleo:

- 1 - CVV
- 2 - CVVC
- 3 - CVVCC
- 4 - CVVCCC
- 5 - CCVV
- 6 - CCVVC
- 7 - CCVVCC
- 8 - CCVVCCC
- 9 - CCCVV
- 10 - CCCVVC
- 11 - CCCVVCC

b) Padrões silábicos, iniciados por vogal:

- 12 - V
- 13 - VC
- 14 - VCC
- 15 - VCCC
- 16 - VV
- 17 - VVC
- 18 - VVCC

c) Padrões silábicos com quatro consoantes na margem inicial:

- 19 - CCCCVC
- 20 - CCCCVCC

4.5.1. Padrão CVV

Exemplos:

- | | | |
|-----------|---------|--------|
| 1 - /xaa/ | [xa:] | cozido |
| 2 - /tee/ | [te:] | chá |
| 3 - /paa/ | [pa:] | poucos |

4.5.2. Padrão CVVC

Exemplos:

- | | | |
|------------|-----------------------|----------------|
| 1 - | | |
| 1 - /moot/ | [mo:t ^h] | costume, moda. |
| 2 - /vuut/ | [vu:t ^h] | raiva. |
| 3 - /book/ | [bo:k ^h] | livro. |

4.5.3. Padrão CVVCC

Exemplos:	1 - /'kɔpp/	['kɔ:p ^h]	comprem!
	2 - /'kɛms/	['kɛ:ms]	penteadas
	3 - /'roopt/	['rɔ:pt ^h]	chamado

4.5.4. Padrão CVVCCC

Exemplos:	1 - /'dɛmpt/	['dɛ:mpt ^h]	afogado
	2 - /'laampm/	['la:mpm]	luzes
	3 - /'dɛustn/	['dɛustn]	o mais escuro

4.5.5. Padrão CCVV

Exemplos:	1 - /'blaa/	['bla:]]	palha
	2 - /'xraa/	['xra:]]	há pouco
	3 - /'blee/	['ble:]]	fermento

4.5.6. Padrão CCVVC

Exemplos:	1 - /'plaat/	['plaa:t ^h]	chapa
	2 - /'šlɔɔt/	['šlɔ:t ^h]	alface
	3 - /'klook/	['klo:k ^h]	ladino

4.5.7. Padrão CCVVCC

Exemplos:	1 - /'šlɔɔpm/	['šlɔ:pm]	dormir
	2 - /'klookn/	['klo:kn]	ladinos
	3 - /'driim/	['dri:m:]]	tocar por diante

4.5.8. Padrão CCVVCCC

Exemplos:	1 - /'klɔɔmpm/	['klɔ:mpm]	trepado
	2 - /'kluumpm/	['klu:mpm]	maço, monte
	3 - /'drɔɔmpt/	['dřɔ:mpt ^h]	sonhado

4.5.9. Padrão CCCVV⁶

Exemplos:	1 - /'škrɔɔ/	['škrɔ:]]	mal
	2 - /'šprɔɔ/	['šprɔ:]]	a fala
	3 - /'štrɔɔ/	['štrɔ:]]	capim
	4 - /'škree/	['škře:]]	inclinado

4.5.10. Padrão CCCVVC

Exemplos:	1 - /'škruuf/	['škru:f]	parafuso
	2 - /'štrɔɔf/	['štrɔ:f]	castigo
	3 - /'štrɔɔt/	['štrɔ:t ^h]	estrada.

4.5.11. Padrão CCCVVCC

Exemplos:	1 - /'škrɔɔmm/	['škrɔ:m:]]	torresmo
-----------	----------------	---------------	----------

2 - /'škruunm/	['škr̥u:mp]	parafuso
3 - /'štřoofm/	['štřo:fm]	castigar

4.5.12. Padrão V

Exemplos: 1 - /'i/	['ʔi]	vós
2 - /'apel/	['ʔapɛl]	maçã, fruta
3 - /a'xost/	['ʔa'xost ^h]	agosto

4.5.13. Padrão VC

Exemplos: 1 - /'es/	['ʔes]	é
2 - /'ok/	['ʔok ^h]	também
3 - /'ɛk/	['ʔɛk ^h]	canto, esquina.

4.5.14. Padrão VCC

Exemplos: 1 - /'ɛks/	['ʔɛks]	machado
2 - /'ɛnt/	['ʔɛnt ^h]	fim
3 - /'osn/	['ʔosn]	boi

4.5.15. Padrão VCCC

Exemplos: 1 - /'ampt/	['ʔãmp ^h t]	emprêgo
2 - /'imft/	['ʔĩmf ^h t]	vacinado
3 - /'impf/	['ʔĩmp ^h f]	vacina

4.5.16. Padrão VV

Exemplos: 1 - /'aa/	['ʔa:]	carinho
2 - /'eɔ,fax	['ʔe: ,fax]	simples
3 - /'aabayt/	['ʔa: bayt ^h]	trabalho

4.5.17. Padrão VVC

Exemplos: 1 - /'iis/	['ʔi:s]	gêlo
2 - /'aat/	['ʔa:t ^h]	sentido, modo
3 - /'eɔn/	['ʔẽ:n]	um.

4.5.18. Padrão VVCC

Exemplos: 1 - /'eepm/	['ʔe: pm]	vargem
2 - /'aamm/	['ʔa: m]	pobres
3 - /'booms/	['ʔo: ms]	de noite

4.5.19. Padrão CCCCVC

Exemplos: 1 - /'špřyɛk/	['špřyɛk ^h]	fala!
2 - /'škřyef/	['škřyef]	escrevia
3 - /'šprwok/	['šprwok ^h]	falava

4.5.20. Padrão CCCCVC

Exemplos: 1 - /'špry:ks/	['špřy:ks]	falas
2 - /'škryem/	['škřyem]	escrito
3 - /'šprwəkŋ/	['špřwəkŋ]	falado.

Para resumir as possibilidades da sílaba nesta língua podemos apresentar a fórmula: $\pm MI : C^4, * N : V^2, \pm MF : C^3$. O limite máximo de fonemas para cada sílaba é sete. Mesmo assim, não encontramos em nossos dados todos os padrões silábicos contidos virtualmente na fórmula acima mencionada.

4.6. A sílaba

De acôrdo com nossa interpretação no parágrafo 4.4.1.3. estabelecemos que os contóides silábicos m, n, ñ e l são consoantes, apesar de serem núcleo de sílaba fonética. Esta interpretação implica no estabelecimento de um conceito de sílaba fonêmica diferente da sílaba fonética.

4.6.1. A sílaba fonética

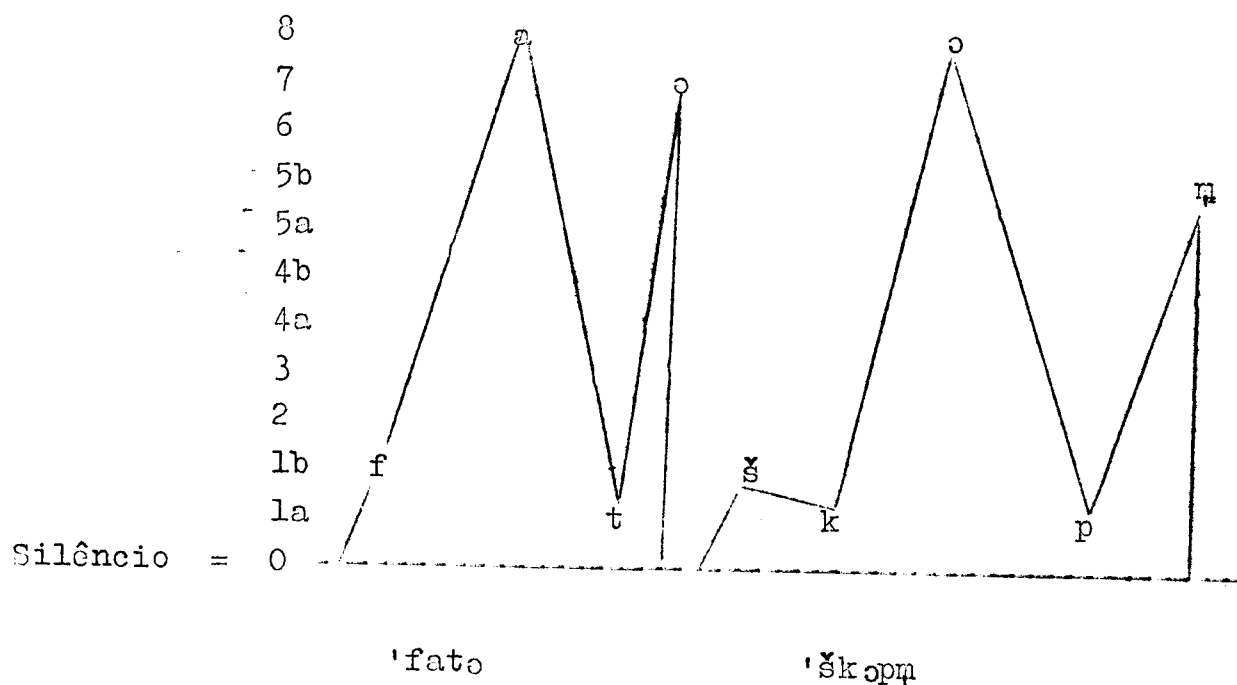
Sob o aspecto fonético, quando nosso ouvido capta um enunciado, podemos dividi-lo em macrosegmentos delimitados por pausa ou silêncio. Cada macrosegmento consiste de segmentos de diferente grau de sonoridade, os quais se seguem de tal maneira que a sonoridade cresce e decresce sucessivamente; há, assim, como que ondas de sonoridade, as quais se caracterizam pelo contraste entre os pontos de crescimento máximo e os pontos de maior decréscimo. Cada seqüência de segmentos limitada por dois pontos de maior decréscimo, isto é, cada onda, é uma sílaba fonética, na qual se distinguem, basicamente, um início, uma crista e um fim.

Cada som que constitui uma crista da onda é um som silábico ou centro de sílaba. E cada macrosegmento terá tantas silabas quantas cristas ou pontos de crescimento máximo de sonoridade tiver. O traço distintivo da sílaba fonética consiste, / portanto na presença de uma crista sonora. Os vocóides são considerados como sendo normalmente mais sonoros e ressonantes que os contóides. Na língua aqui analisada, encontramos, entretanto, quatro contóides silábicos, isto é, contóides que, em uma seqüência falada, ocupam um das cristas.

Adaptando aos sons do vestfaliano de Rio Fortuna a escala de sonoridade de Jespersen⁷, teremos:

- 1a) p t k e aspirados correspondentes
 1b) f s š x
 2 b d g
 3 v z ž
 4a) m n ŋ
 4b) l ɭ
 5a) r̃ ř
 5b) ṃ ṇ ŋ̣ ḷ
 6 i u u y w w
 7 e ø o ø
 8 ɛ ʊ o a

Aplicando esta escala a dados do vestfaliano, como :
 'fata "pai" e 'škop̣ṃ "paiol", vemos que as cristas são ocupadas tanto pelos vocóides a , ø e o , como pelo contóide ṃ , que assim só revela comparável aos vocóides:



Além de sílabas de núcleo simples, isto é, ocupado por um segmento apenas, como nos exemplos acima, ocorrem também, sílabas de núcleo complexo, isto é, ocupado por dois ou três vocóides diferentes quanto ao grau de sonoridade, como:

t w e y	e	k y e t ^h
1 6 7 6		1̂ 6 7 la

Nestes casos temos uma sílaba apenas, com mais de um vocóide no núcleo, sendo o mais sonoro a crista e os demais satélites.

Na sílaba fonética, visualizada como uma onda, convém distinguir (cf. Hockett, 1955:51):

a) início (onset) em que podem ocorrer contóides até o grau 5a da escala adaptada de Jespersen, ou seja, até antes dos contóides silábicos; o início da sílaba pode ser constituído de um a três contóides;

b) crista (peak) que é ocupada por um vocóide breve ou longo ou por um contóide silábico; é o ponto mais sonoro da sequência falada, representada pelos graus de sonoridade 5b, 6, 7 e 8 da escala;

c) satélite do núcleo (peak satellite) que é ocupado por vocóides assilábicos do grau 6 da escala de sonoridade;

d) final (coda) ocupado por contóides dos graus 1 a 5a da escala de sonoridade. No final da sílaba, a sonoridade decai até zero (silêncio) ou até o grau de sonoridade do início da sílaba seguinte.

Outro critério usualmente adotado para fixar a sílaba fonética é o articulatório. Segundo Pike, cada sílaba fonética corresponde a uma pulsação torácica (cf. Pike, 1943:53/4). Assim, coincidindo com o critério acústico anteriormente citado, temos na palavra 'fat, duas sílabas porque há duas pulsações torácicas 1)fa. 2)te.

Em face do exposto, torna-se fácil dizer de quantas sílabas se compõe um enunciação, pois bastará contar as cristas de sonoridade. Problema mais complexo é a indicação exata do limite entre as sílabas. É apresentado como critério de limite entre sílabas, a passagem de um impulso em "diminuendo" para outro em "crescendo". Este impulso, na teoria silábica saussureana, apresenta-se como movimentos de abertura e fechamento da bôca. Na fase de abertura da bôca temos segmentos explosivos e na fase de fechamento, segmentos implosivos. Quando numa sequência de sons passamos de segmentos explosivos para implosivos, tem-se um efeito especial que é o índice da fronteira da sílaba.⁸

Ponto de vista semelhante, mas sob aspecto puramente acústico, apresenta-nos Dieth: "Solange in einer Lautfolge nirgends zwei Laute durch einen schallärmeren getrent sind, bildet

sie nur einzige Silbe".(Cf.Dieth, 1950:377/8)⁹

Não entraremos em maiores detalhes sôbre o problema da delimitação da sílaba, pois, segundo Otto von Essen:"Es iste eine alte Streitfrage in der Phonetik, worin eigentlich das Wesen der "Silbe" bestehe uns wie ihre Begrenzung zu bestimmen sei" (cf.Essen,1957:90)¹⁰

4.6.2. A sílaba fonêmica

Não há necessária correspondência entre sílaba fonética e fonêmica, por isso não tivemos dúvida de, no parágrafo 4.4.1.3., interpretar os contóides silábicos como alofones de /m/ , /n/, /ŋ/ e /l/, por estarem em evidente distribuição complementar com os correspondentes assilábicos. Cabe ressaltar ainda, que na análise da sílaba fonética empregamos critérios acústicos (sonoridade) e articulatórios (pulsação torácica), enquanto que na análise fonêmica predominam os critérios contextuais, isto é, distribuição e função dos sons no sistema. Por isso, consideramos mais relevante o fato de os contóides silábicos - [m], [n], [ŋ] e [l] - estarem em distribuição complementar com seus homorgânicos assilábicos correspondentes - [m], [n], [ŋ], e [l] - do que o fato de terem características sonoras tais, que em certos e determinados ambientes possam ser centro de sílaba fonética. A diferença fonética entre contóides silábicos e assilábicos correspondentes não é contrastiva no vestfaliano, sendo a variação fonética determinada pelo ambiente.¹¹ Procedendo assim, asseguramos para os fonemas /m/, /n/, /ŋ/, e /l/ os traços universais de unidades êmicas: contraste, variação e distribuição.

A sílaba fonêmica é constituinte êmico da palavra fonológica. Consta de três tagmemas:

Margem Inicial (MI) que pode ser ocupada por até quatro consoantes.

Núcleo (N) que pode ser ocupado por uma ou duas vogais

Margem Final (MF), que pode ser ocupada por até três consoantes.

O núcleo se caracteriza por maior sonoridade e, principalmente, pela potencialidade de ser o portador de destaque principal ou secundário.

4.6.3. Definição de vogal e consoante

Vogal é todo fonema que pode ocupar o núcleo de uma sílaba fonêmica.

Distingue-se das consoantes:

a) toda vogal do vestfaliano é um ressonante central oral silábico. Os segmentos - [ŋ], [ɲ], [ɳ] e [ɺ] - não são ressonantes centrais orais e, - [y] e [w] - , embora ressonantes centrais orais, não são silábicos;

b) somente as vogais têm potencialidade de serem portadoras de destaque principal ou secundário, enquanto que os alofones silábicos dos fonemas /m/, /n/, /ɲ/ e /l/ nunca são acentuados.

Consoante é todo fonema que ocorre somente na margem da sílaba fonêmica. No vestfaliano de Rio Fortuna são consoantes todos os contóides e ainda os vocóides assilábicos.

CAPÍTULO V

A HIERARQUIA FONOLÓGICA

A hierarquia fonológica do westfaliano de Rio Fortuna é aqui analisada em quatro níveis de unidades âmicas:

- 1 - nível fonêmico;
- 2 - nível silábico;
- 3 - nível de pé ou palavra fonológica, e
- 4 - nível de contôrno ou locução fonológica.

As unidades de nível mais baixo, os fonemas segmentais, combinam-se para formar sílabas, estas para formar pés, e êstes, por sua vez, para formar locuções fonológicas. É possível que um estudo mais acurado e com mais dados nos mostrasse um nível mais elevado, decorrente da combinação de locuções fonológicas ou contornos.

5.1. O nível fonêmico

As unidades d'êste nível são os fonemas segmentais, que se caracterizam por:

- a) traços de identificação e contraste, que delimitam os fonemas como unidades âmicas de um nível distinto de todos os outros níveis;
- b) traços de variação, distribuição e contraste que identificam cada fonema como uma unidade diferente de todos os demais fonemas do mesmo nível;
- c) potencialidade de ocupar posições funcionais de nível imediatamente superior - a sílaba.

Conforme as posições que podem ocupar na sílaba, dividimos os fonemas segmentais em dois grandes grupos: consoantes e vogais. As consoantes podem ocorrer nas margens e as vogais no núcleo da sílaba.

5.1.1. As consoantes

Cada consoante manifesta-se por tôdas as suas ocorrências possíveis, variantes livres ou condicionadas nas margens da sílaba. O contraste entre as consoantes é determinado por diferentes modos e pontos de articulação e, ainda, pelo traço de sonoridade.

A variação livre ou condicionada dos sons que constituem um fonema depende não só de sua distribuição na sílaba, mas sobretudo:

- a) da distribuição da sílaba no nível fonológico imediatamente superior - a palavra fonológica;
- b) da qualidade átona ou tônica da sílaba.

No capítulo III, fizemos uma análise provisória, em posição inicial de palavras monossilábicas, isto é, em sílabas dotadas de significado e que podem ocorrer isoladamente. Vamos aqui complementar a análise, descrevendo os fonemas e suas variantes em todos os ambientes.

Segundo o modo de articulação podemos dividir as consoantes em: oclusivas, fricativas, nasais, laterais, vibrantes e vocálicas, formando seis sub-sistemas.

5.1.1.1. Consoantes oclusivas

As oclusivas contrastam em três pontos de articulação - labial, alveolar, e velar. Há, ainda, contraste surdez/sonoridade entre oclusivas labiais e alveolares. No ponto de articulação velar não há, propriamente, ausência de contraste surdez/sonoridade, pois há contraste claro entre:

[gãns] todo e [kãns] podes.

Acontece, porém, que a ocorrência de [g] em posição inicial é muito rara, devendo-se provavelmente à interferência do alemão na linguagem dos informantes. Além disto, alterna sempre com [x], que é mais frequente, por exemplo ['xãns], que tem o mesmo significado de ['gãns]. A este respeito observa-se o seguinte:

a) Em posição inicial, os contóides oclusivos velares sonoros estão em variação livre com os fricativos velares surdos [x̥], [x] e [x̥] e o faringal [h]. Isto deve significar que os oclusivos sonoros são sempre substituíveis pelos fricativos e não o inverso.¹

b) Em posição medial intervocálica a ocorrência obrigatória das oclusivas velares sonoras é condicionada pela ocorrência de fricativa velar ou laringal na sílaba anterior ['hagaɪ] granizo, ... [hugo] Hugo.

Estas observações levaram-nos a estabelecer que os contóides oclusivos velares sonoros são membros de um fonema fricativo velar surdo.

Temos o seguinte quadro de fonemas oclusivos:

	labial	alveolar	velar
Surdos	p	t	k
Sonoros	b	d	

/p/ consoante oclusiva labial surda, com as seguintes realizações:

[p^h] contói de oclusivo bilabial surdo aspirado, em posição final de sílaba final de palavra fonológica:

[trap ^h]	/'trap/	escada
['lãmp ^h]	/'lamp/	luz
['šlɔ:p ^h]	/'šlɔ:pp/	durmam

[p] contói de oclusivo bilabial surdo não aspirado, nos demais ambientes:

['pa:ps]	/paaps/	papa
['plat ^h]	/plat/	chato
[fe'pots]	/fe'pots/	rebocado, pintado

/t/ consoante oclusiva dental surda, com as seguintes realizações:

[t^h] contói de oclusivo pós-dental surdo aspirado, em posição final de sílaba final de palavra fonológica:

['blat ^h]	/'blat/	fôlha
['b ^y ɛt ^h :]	/'b ^y ɛtt/	rezem!
[fe'bɛlt ^h]	/fe'bɛlt/	inflamado

[t] contói de oclusivo pós-dental surdo não aspirado, nos demais ambientes.

['tã]n]	/'tan/	dente
['šte:n]	/'šte:n/	pedra
['pɛts]	/'pɛts/	chicote

/k/ consoante oclusiva velar surda, com as seguintes realizações:

[k̄^h] contóide oclusivo pré-velar surdo aspirado, em posição final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por vogal anterior:

['lɛk̄^h] /'lɛk/ lambe!

[k^h] contóide oclusivo médio-velar surdo aspirado, em posição final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por vocóide central:

['lak^h] /'lak/ insulto

[ḳ^h] contóide oclusivo pós-velar surdo aspirado, em posição final de palavra fonológica, quando precedido por vocóide posterior:

['lɔḳ^h] /'lɔk/ buraco

[k̄] contóide oclusivo pré-velar surdo não aspirado, contíguo na sílaba a vocóide anterior:

['k̄in] /'kin/ criança

[k̄ik̄n] /kik̄n/ olhar

[k] contóide oclusivo médio-velar surdo não aspirado, contíguo, na sílaba, a vocóide central:

['kat^h] /'kat/ gato

[ḳ] contóide oclusivo pós-velar surdo não aspirado, contíguo, na sílaba, a vocóide posterior:

['ḳɔp^h] /'ḳɔp/ cabeça

/b/ consoante oclusiva labial sonora, realizada como:

[b] contóide oclusivo bilabial sonoro, em margem inicial de sílaba:

[xɛ'bɛt^h] /xɛ'bɛt/ oração

['bast^h] /'bast/ pasto

[ˈbrɔ:tʰ] /ˈbrɔt/ pão

/d/ consoante oclusiva dental sonora, realizada como:

[d] contóide oclusivo pós-dental sonoro, em margem inicial de sílaba:

[feˈdeltʰ] /feˈdelt/ repartido

[ˈdeskʰ] /ˈdesk/ mesa

[ˈdrɔ:tʰ] /ˈdrɔt/ arame

6.1.1.2. Consoantes fricativas

As consoantes fricativas contrastam em quatro pontos de articulação: labial, alveolar, palatal e velar. No ponto de articulação labial temos também contraste surdez/sonoridade.

Temos o seguinte quadro de fonemas fricativos:

	labial	alveol.	palat.	velar
Surdas	f	s	ʃ	x
Sonoras	v			

/f/ consoante fricativa labial surda, realizada como:

[f] contóide fricativo labio-dental surdo, tanto na margem inicial como na margem final da sílaba:

[ˈfatʰ] /ˈfat/ barril

[xɛˈfall] /xɛˈfall/ favor

[fa:f] /faaf/ côr

/s/ consoante fricativa alveolar surda, com as seguintes realizações:

[s] contóide fricativo alveolar surdo, em margem inicial e final de sílaba:

[p _ɛ ts]	/p _ɛ ts/	chicote
[desk ^h]	/desk/	mesa
[sat ^h]	/sat/	satisfeito
['sime]	/'sime/	sala

[z] contóide fricativo alveolar sonoro, em variação / livre com [s] em posição intervocálica:

[mazə]	/mase/	bastante
--------	--------	----------

/š/ consoante fricativa palatal surda, com as seguintes realizações:

[ž] contóide fricativo álveo-palatal sonoro, em posição intervocálica, em variação livre com a homorgânica surda [š], em empréstimos:

[bře'žane]	ou [bre'šan]	/bre'šane/	caboclo
------------	--------------	------------	---------

[š] contóide fricativo médio-palatal surdo, nos demais ambientes:

['šats]	/'šats/	namorado
[xe'šeft ^h]	/xe'šeft/	negócio
['koš]	/'koš/	côcho
[škr̩:]	/škr̩/	mal

/x/ consoante velar, com as realizações:

[h] contóide fricativo laringal surdo, em margem inicial de sílaba inicial (variando livremente com [x], [x], [x̣] e com as pouco frequentes ocorrências de [g], [g] e [g̣]):

['hɔ:s]	/'xɔ:s/	ganso
---------	---------	-------

[x̣] contóide fricativo pré-velar surdo, contíguo, na sílaba, a vocóide anterior:

[xe'sext ^h]	/xe'sext/	resto
-------------------------	-----------	-------

[x] contóide fricativo médio-velar surdo, contíguo, na sílaba, a vocóide central:

['xat^h] /xat/ duro

[x̣] contóide fricativo pós-velar surdo, contíguo, na sílaba, a vocóide posterior:

['x̣ɔ:s] /'x̣ɔ:s/ ganço

[g] contóide oclusivo, médio-velar sonoro, em margem inicial de sílaba medial, quando a sílaba precedente fôr inicial de palavra simples e tiver [x] em sua margem inicial:

['xagɛl] /'xaxel/ granizo

['hugɔ] /'xuxo/ fugo

/v/ consoante fricativa labial sonora, realizada como:

[v] contóide fricativo lábio-dental sonoro, em margem inicial de sílaba:

['vat^h] /vat/ o que

['ʔʋral] /'ʋral/ por tôda parte

5.1.1.3. Consoantes nasais

Os fonemas nasais são todos sonoros contrastando entre si em três diferentes pontos de articulação: labial, alveolar e velar. Segundo êstes pontos de articulação temos, respectivamente:

/m/ /n/ e /ɲ/.

/m/ consoante nasal labial sonora, com as seguintes realizações:

[m] contóide nasal bilabial sonoro assilábico, em margem inicial de sílaba e em margem final quando precedido por vocóide:

[mãn] /man/ homem

['sime]	/'sime/	sala
[lamp ^h]	/'lamp/	luz
['lãm]	/lam/	manco

[m] contóide nasal bilabial sonoro silábico, sòmente / em margem final de sílaba, precedido de contóide labial:

['šlɔ:pm]	/'šlɔ:pm/	dormir
['kɛ:ɸ:]	/'kɛ:ɸ:/	pentear-se

/n/ consoante dental sonora, com as seguintes realizações:

[ŋ] contóide nasal pós-dental sonoro silábico, sòmente em posição final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por contóide dental com exceção de [l].

['latŋ]	/'latŋ/	sarrafos
['kɛnŋ]	/'kɛnŋ/	conhecer

[n] contóide nasal pós-dental sonoro assilábico, nos de mais ambientes:

['nat ^h]	/'nat/	molhado
['fi:nə]	/'fiine/	mais fino
['kãn]	/'kan/	bule
['kãnt ^h]	/'kant/	final
['hãns]	/xans/	todo

/ŋ/ consoante nasal velar sonora, com as seguintes realizações:

[ŋ] contóide nasal velar sonoro silábico, sòmente em posição final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por contóide velar:

['lan:]	/'lanŋ/	ser suficiente
['kikŋ]	/'kikŋ/	olhar

[ŋ] contóide nasal velar sonoro assilábico nos demais ambientes:

['siŋə]	/'siŋə/	cantor
['bãŋk ^h]	/'bãŋk/	banco
['lãŋ]	/'lãŋ/	há tempo

5.1.1.4. Consoante lateral

Temos somente um fonema lateral, /l/, que contrasta com todos os demais fonemas da língua.

/l/ consoante lateral alveolar sonora, com as realizações:

[l] contóide lateral alveolar sonoro, em margem inicial de sílaba:

[lat ^h]	/lat/	sarrafo
['lyerə]	/lyɛre/	couro
['blatə]	/blatɔ/	calo

[ɫ] contóide lateral alveolar velarizado, sonoro, em margem final antes de outras consoantes ou de pausa:

[kɔpɛɫ]	/'kɔpɛɫ/	cobre
['xɔbɛɫ]	/'xɔbɛɫ/	garfo
['brɛɫ]	/'brɛɫ/	óculos

[ɫ] contóide lateral alveolar velarizado sonoro silábico, em margem final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por /l/:

[brɔɫɫ]	/brɔɫɫ/	chorar
---------	---------	--------

5.1.1.5. Consoante vibrante

Temos somente um fonema vibrante no sistema fonêmico: /r/.

/r/ consoante vibrante alveolar sonora, com as realizações:

[ŋ] contóide nasal velar sonoro assilábico nos demais ambientes:

['sɪŋə]	/'sɪŋə/	cantor
['bãŋk ^h]	/'bãŋk/	banco
['lãŋ]	/'lãŋ/	há tempo

5.1.1.4. Consoante lateral

Temos somente um fonema lateral, /l/, que contrasta com todos os demais fonemas da língua.

/l/ consoante lateral alveolar sonora, com as realizações:

[l] contóide lateral alveolar sonoro, em margem inicial de sílaba:

[lat ^h]	/lat/	sarrafo
['lyɛrɐ]	/lyɛrɐ/	couro
['blatɐ]	/blatɐ/	calo

[ɫ] contóide lateral alveolar velarizado, sonoro, em margem final antes de outras consoantes ou de pausa:

[kɔpɐɫ]	/'kɔpɐɫ/	cobre
['xɔbɐɫ]	/'xɔbɐɫ/	garfo
['brɔɫ]	/'brɔɫ/	óculos

[ɭ] contóide lateral alveolar velarizado sonoro silábico, em margem final de sílaba final de palavra fonológica, quando precedido por /l/:

[brɔɭ]	/brɔɭ/	chorar
--------	--------	--------

5.1.1.5. Consoante vibrante

Temos somente um fonema vibrante no sistema fonêmico: /r/.

/r/ consoante vibrante alveolar sonora, com as realizações:

[r̃] contóide vibrante alveolar sonoro, em margem inicial de sílaba, seguido de vocóide:

[r̃at ^h]	/'rat/	roda
['r̃ayn]	/'r̃ayn/	limpo
['b̃r̃e:t ^h]	/'b̃r̃eet/	largo

[r̄] contóide "flap" alveolar sonoro, em variação livre com [r̃]:

['r̄at ^h]	/'rat/	roda
['b̄r̄e:t ^h]	/'b̄r̄eet/	largo
['w̄r̄ə]	/'w̄r̄e/	recado

5.1.1.6. Consoantes vocoidais ²

Entre os vocóides assilábicos, interpretados como consoantes no parágrafo 4.4.2, encontramos contrastes entre anteriores e posteriores. Temos, pois, dois fonemas ~~representados~~ /y/ e /w/.

/y/ consoante vocoidal anterior, com as seguintes realizações:

[w] vocóide assilábico anterior alto arredondado, antes ou depois de vogal anterior arredondada:

['w̄k ^h]	/'ȳk/	canga
['k̄w]	/'k̄y/	vacas
['d̄w̄ə]	/'d̄ȳə/	portas

[y] vocóide assilábico anterior alto não arredondado, antes ou depois de vogal anterior não arredondada:

['klay]	/'klay/	tropa!
['baym]	/'baym/	árvores
['yowə]	/'yowə/	ano
['diyə]	/'diyə/	animal

/w/ consoante vocoidal posterior, realizada como:

[w] vocóide assilábico posterior alto arredondado, antes ou depois de vogais:

['klaw]	/'klaw/	nata (do boi)
---------	---------	---------------

['bawm]	/'bawm/	árvore
['wɔřə]	/'wɔrə/	recado
['dowə]	/'dowə/	ali

6.1.1.7. Neutralização de contraste na margem final de sílaba final

Em posição inicial e medial de palavra existe contraste / distintivo evidente entre oclusivas surdas e sonoras e entre a fricativa lábio-dental surda e a homorgânica sonora correspondente. Entretanto, em margem final de sílaba final de palavra fonológica, o traço distintivo surdez/sonoridade desaparece ou se neutraliza.

Assim, as seqüências [-p̄], [-t̄] e [-k̄] alternam com as correspondentes sonoras: [-b̄], [-d̄] e [-ḡ]:

['šlɔ:p̄]	ou	['šlɔ:b̄]	/'šlɔ:p̄/	dormir
['lat̄]	ou	['lad̄]	/'lat̄/	sarrafos
['la:k̄]	ou	['la:ḡ]	/'lak̄/	toalha

Em outras situações a neutralização do contraste surdez/sonoridade é condicionada pelo ambiente: os segmentos ou seqüências / surdas ocorrem quando segue silêncio ou consoante surda e os segmentos ou seqüências sonoras quando segue consoante sonora. Este condicionamento ocorre com:

a) [p^h], [t^h], [k^h], [f] e [s] complementados respectivamente pelos contóides [b], [d], [g], [v] e [z], quando seguidos, sem pausa, por palavra fonológica iniciada por consoante sonora.

b) as seqüências [ps], [ts], [ks] e [fs] complementados / dos respectivamente pelas homorgânicas [bz], [dz], [gz] e [vz].

Temos, ainda, neutralização de contraste entre os contóides nasais de diferentes pontos de articulação, quando seguidos ou precedidos de consoante, já que esta determina o ponto de articulação da nasal. Junto a labial ocorre somente [m] ou [m̄], junto a alveolar somente [n] ou [n̄], junto a velar somente [ŋ] ou [ŋ̄], como já constatamos no parágrafo 6.1.1.6.

De acôrdo com os ensinamentos da escola de Praga, deveríamos estabelecer arcafonemas para todos os casos em que um contraste existente em certas posições é neutralizado em outras.

Procuramos, nesta análise, simplificar a apresentação do fenômeno da neutralização do contraste surdez/sonoridade em final de palavra e do contraste do ponto de articulação dos nasais em ambiente de oclusiva. Em vez de recorrer a arcaísmos, estabelecemos que na margem final de sílaba, em final de palavra ocorrem somente os fonemas surdos /p/, /t/, /k/ e /f/, podendo ter realizações sonoras nas situações especificadas neste parágrafo. Para as consoantes nasais não levamos em consideração o condicionamento do ponto de articulação pelas consoantes oclusivas que as precedem ou seguem em margem final de sílaba, uma vez que não contribui para maior clareza da análise.

5.1.2. As vogais

Toda vogal manifesta-se por todas as suas ocorrências possíveis, variantes livres ou condicionadas, no núcleo da sílaba. Os traços distintivos das vogais estão ligados:

- a) à maior ou menor abertura da boca e elevação da língua
- b) à parte da língua que é articulada
- c) arredondamento ou não arredondamento dos lábios (§7.3).

A variação livre ou condicionada da classe de sons que constitui um fonema vocálico depende principalmente:

- a) da distribuição da sílaba na palavra;
- b) do grau de intensidade da sílaba em que ocorre como núcleo;
- c) da existência ou não de margem inicial;
- d) de a vogal ser ou não ser seguida por uma consoante nasal na margem final da sílaba.

Segundo a parte da língua que é articulada, podemos dividir as vogais em: anteriores, centrais e posteriores.

5.1.2.1. Vogais anteriores

As vogais anteriores contrastam entre si:

- a) quanto à abertura da boca;
- b) quanto ao arredondamento ou não dos lábios. Temos o seguinte quadro de vogais anteriores:

	Não arredond.	Arredondadas
Altas	i	ɨ
Média fechada	e	ø
Média aberta	ɛ	ẽ

/i/ vogal anterior alta não arredondada, com as realizações:

[ʔi] vocóide anterior alto fechado glotalizado oral, em posição inicial de palavra fonológica simples ou depois de junção interna aberta em palavra fonológica complexa, quando não seguido de consoante nasal:

[ʔi] /'i/ vocês

[ʔĩ] vocóide anterior alto fechado glotalizado nasal, em sílaba inicial de palavra sem margem inicial / ou imediatamente depois de junção interna aberta em palavra fonológica complexa:

[ʔĩn] /'in/ em

[i] vocóide anterior alto fechado oral não glotalizado, quando seguido imediatamente de consoante nasal:

[sĩn] /'sin/ sou

[ɪ] vocóide anterior alto aberto oral não glotalizado, em sílaba final átona:

[xumɪ] /'xumi/ borracha

[i] vocóide anterior alto fechado oral não glotalizado nos demais ambientes, particularmente em sílabas tônicas:

[kik̠] /'kik/ olha!

/e/ vogal não arredondada médio-fechada, com as seguintes realizações:

[ʔe] vocóide anterior não arredondado, médio-fechado,

glotalizado oral | em sílaba inicial de palavra sem margem inicial, quando [ʔe] não é seguido de contóide nasal, quando depois de silêncio ou juntura interna aberta segue imediatamente a vogal /e/ não seguida imediatamente de consoante nasal:

[ʔek^h] /'ek/ eu

[ʔẽ] vocóide anterior não arredondado glotalizado nasal, quando depois de silêncio ou juntura interna/aberta segue imediatamente a vogal /e/ seguida de consoante nasal.

[ʔẽ:n] /'een/ um

[ẽ] vocóide anterior não arredondado não glotalizado / nasal, quando seguida imediatamente de consoante / nasal:

[tẽ:n] /teen/ dedo

[e] vocóide anterior não arredondado não glotalizado oral nos demais ambientes; em sílaba final átona, quando seguido de /x/:

[fɛřex] /'fɛrex/ pronto

[vet^h] /'vet/ branco

[ə] vocóide central não arredondado médio-aberto, ocorre somente em sílaba final átona (quando não segue /x/):

[fatə] /'fate/

/ɛ/ vogal anterior não arredondada médio-aberta, com as seguintes realizações:

[ʔɛ] vocóide anterior não arredondado médio-aberto glotalizado oral, quando, depois de silêncio ou juntura interna aberta, segue imediatamente a vogal /ɛ/ não seguida imediatamente por consoante nasal:

[ʔek^h] /'ɛk/ canto

[ʔẽ] vocóide anterior não arredondado glotalizado nasal quando na situação anterior segue consoante nasal:

[ʔɛ̃nt^h] /'ɛ̃nt/ fim

[ɛ̃] vocóide anterior não arredondado nasal quando segue imediatamente uma consoante nasal:

['kɛ̃n] /'kɛ̃n/ conhece

[ɛ] vocóide anterior não arredondado médio-aberto oral nos demais ambientes:

['vɛt^h] /'vɛt/ aposta

/ʊ/ vogal anterior arredondada alta, com as seguintes realizações:

[ʔʊ] vocóide anterior arredondado alto fechado glotalizado oral, quando depois de silêncio ou juntura interna aberta segue imediatamente a vogal /ʊ/, não seguida imediatamente por consoante nasal na mesma sílaba:

['ʔʊmɐ] /'ʊmɐ/ sempre

[ʔʊ] vocóide anterior arredondado alto fechado glotalizado nasal, quando depois de silêncio ou juntura interna aberta segue imediatamente a vogal /ʊ/, seguida de consoante nasal na mesma sílaba.

['ʔʊm] /'ʊm/ em redor

[ʊ] vocóide anterior arredondado alto fechado nasal / não glotalizado, quando segue imediatamente uma consoante nasal como margem final da mesma sílaba:

['dʊn] /'dʊn/ fino

[ʊ] vocóide anterior arredondado alto fechado oral nos demais ambientes:

['kʊkɲ] /'kʊkɲ/ pintos

/ø/ vogal anterior arredondada médio-fechada, com as seguintes realizações:

[ʔø] vocóide anterior arredondado médio-fechado oral / glotalizado, quando, depois de silêncio ou juntura interna aberta segue imediatamente a vogal /ø/, não seguida imediatamente por consoante nasal na mesma sílaba:

[¹ʔ⁸rə] /'ʔ⁸re/ seu, dêles

[⁸] vocóide anterior arredondado médio-fechado nasal glotalizado quando, depois de silêncio ou junctura interna aberta segue imediatamente a vogal /ʔ⁸/ seguida imediatamente por consoante nasal na mesma sílaba:

[¹ʔ⁸m] /'ʔ⁸m/ por

[⁸] vocóide anterior arredondado médio-fechado nasal não glotalizado quando seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[¹f¹ʔ⁸v:] /'f¹ʔ⁸v/ fugir, voar

[⁸] vocóide anterior arredondado médio-fechado oral não glotalizado nos demais ambientes:

[¹br⁸x] /'br⁸x/ ponte

/ʔ⁸/ vogal anterior arredondada médio-aberta, com as seguintes realizações:

[²ʔ⁸] vocóide anterior arredondado médio-aberto oral / glotalizado quando, depois de silêncio ou junctura interna aberta segue imediatamente a vogal /ʔ⁸/, não seguida imediatamente por consoante nasal na mesma sílaba:

[¹ʔ⁸skən] /'ʔ⁸skən/ boizinho

[²ʔ⁸] vocóide anterior arredondado médio-aberto nasal glotalizado, quando, depois de silêncio ou junctura interna aberta, ocorre imediatamente a vogal /ʔ⁸/ seguida imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[¹ʔ⁸nlex] /'ʔ⁸nlex/ bem, bastante

[⁸] vocóide anterior arredondado médio-aberto nasal não glotalizado, quando seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[¹f⁸v] /'f⁸v/ começava (3a. pes.sing.)

[⁸] vocóide anterior arredondado, médio-aberto oral não glotalizado nos demais ambientes.

[^h'vʌt] /'vʌt/ torna-se

5.1.2.2. Vogal central

O sistema vocálico do vestfaliano de Pio Fortuna consta de apenas uma vogal central, baixa, não arredondada: /a/.

/a/ vogal central não arredondada baixa, com as seguintes realizações:

[^h'ʔa] vocóide central não arredondado, baixo fechado oral glotalizado quando, depois de silêncio ou junção interna aberta segue imediatamente a vogal. /a/ não seguida imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'ʔapəɫ] /'apɛl/ fruta, maçã

[^h'ʔã] vocóide central não arredondado, baixo fechado, nasal, glotalizado, quando, depois de silêncio ou junção interna aberta segue imediatamente a vogal /a/ seguida imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'ʔãmpt] /'ampt/ emprêgo

[ã] vocóide central, não arredondado, baixo fechado, nasal, não glotalizado, quando seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'lãnt] /'lant/ terra

[a] vocóide central, não arredondado, baixo fechado, oral, não glotalizado nos demais ambientes:

[^h'vat] /'vat/ o que

5.1.2.3. Vogais posteriores

As vogais posteriores contrastam entre si segundo a maior ou menor abertura da bôca. Temos as seguintes vogais posteriores:

	Arredond.
Alta	u
Médio-fechada	o
Médio-aberta	ɔ

/u/ vogal posterior, arredondada, alta, com as seguintes realizações:

[ʊ] vocóide posterior, arredondado, alto fechado oral glotalizado em sílabas sem margem inicial, não seguido imediatamente por consoante nasal:

['ʊtʰ] /'ut/ fora

[ũ] vocóide posterior arredondado alto fechado nasal glotalizado em sílabas sem margem inicial, seguido imediatamente por consoante nasal na mesma sílaba:

['ũn] /'un/ e

[ū] vocóide posterior arredondado alto fechado nasal não glotalizado em sílabas com margem inicial, quando seguido imediatamente e na mesma sílaba / por consoante nasal:

['bũntʰ] /'bunt/ pintado

[ʊ̃] vocóide posterior arredondado alto aberto nasal não glotalizado, em sílaba final átona, seguido de consoante nasal; varia livremente com [ũ] em outros ambientes:

['byʃterʊ̃n] /'byʃterun/ melhoras

[u] vocóide posterior arredondado alto fechado oral não glotalizado nos demais ambientes, podendo alternar livremente com [ʊ̃] vocóide posterior arredondado alto aberto oral não glotalizado.

['bukʰ] ou ['bʊkʰ] /'buk/ barriga

/o/ vogal posterior arredondada médio-fechada, com as realizações:

[ʔo] vocóide posterior arredondado médio-fechado oral glotalizado em sílabas sem margem inicial, não seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

['ʔosn] /'osn/ nosso

[ʔõ] vocóide posterior arredondado médio fechado na-

sal glotalizado em sílabas sem margem inicial, seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'õŋkɛɫ] /'õŋkɛɫ/ tio

[õ] vocóide posterior arredondado médio-fechado nasal não glotalizado quando segue imediatamente consoante nasal na mesma sílaba:

[^h'kõm] /'kom/ venha!

[o] vocóide posterior arredondado médio-fechado oral não glotalizado nos demais ambientes:

[^h'brox] /'brox/ hérnia

/ɔ/ vogal posterior arredondada médio-aberta, com as realizações:

[^hɔ] vocóide posterior arredondado médio-aberto oral / glotalizado em sílabas sem margem inicial, quando não seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'ɔsn] /'ɔsn/ boi

[^hɔ̃] vocóide posterior arredondado médio-aberto nasal glotalizado, quando seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal, em sílabas sem margem inicial:

[^h'ɔms] /'ɔms/ de noite

[ɔ̃] vocóide posterior arredondado médio-aberto nasal não glotalizado, quando seguido imediatamente e na mesma sílaba por consoante nasal:

[^h'škɔ̃ŋkɛɫ] /'škɔ̃ŋkɛɫ/ presenteado

[ɔ] vocóide posterior arredondado médio fechado oral não glotalizado nos demais ambientes:

[^h'vɔt] /'vɔt/ tornava-se

5.1.2.4. O contraste entre vocóides breves e longos foi exemplificado e interpretado no parágrafo 4.3.1. A interpretação dos vocóides longos como duas unidades vocálicas pareceu-nos mais econô-

mica, por dispensar o fonema de duração /:/.

5.2. O Nível Silábico

A unidade dêste nível é a sílaba, que é definida como constituinte da unidade de nível imediatamente superior, o pé ou palavra fonológica. Distinguimos a sílaba de outras unidades da hierarquia fonológica pelas suas características acústicas e articulatórias apresentadas no parágrafo 4.6.1. e pela potencialidade de seus tagemas MI, N e MF serem ocupados por diferentes classes de fonemas, conforme observamos nos parágrafos 4.6.2 e 4.6.3.

5.2.1. As sílabas

Diferentes sílabas são distinguidas umas das outras:

a) pelo número de fonemas que ocorrem nas margens e no núcleo. Reconhecemos no Capítulo IV, parágrafo 4.2.1 a 4.2.12 e 4.5.1 a 4.5.12, 32 padrões silábicos diferentes;

b) pela sua distribuição na unidade imediatamente superior, a palavra fonológica. A sílaba pode ser portadora de três diferentes destaques ou graus de intensidade. Temos, dêste modo, sílabas átonas, sílabas com destaque secundário, e sílabas com destaque principal. Sua distribuição no nível da palavra fonológica pode ser apresentada no seguinte quadro:

	sílaba átona	síl.c/dest. secundário	síl.c/dest. principal
Palavra f.simp.	+2		+1
Palavra f.comp.	+4	+1	+1

c) pelos diferentes fonemas que ocorrem em cada uma das posições da sílaba. Em nossos dados encontramos sílabas com o limite mínimo de um e máximo de sete fonemas. O número de sílabas que daí decorre é limitado pela potencialidade ou restrições que apresentam os fonemas para ocupar certas posições e formar grupos de consoantes na margem inicial ou margem final.

A potencialidade de ocupar posições nos tagemas da sílaba

será indicada no estudo da distribuição dos fonemas na sílaba, nos / parágrafos subsequentes.

5.2.2. Distribuição dos fonemas na sílaba

No parágrafo 4.6.2., estabelecemos que a sílaba fonêmica / tem três tagmemas:

\pm MI:4C +N:2V \pm MF:3C , havendo um limite máximo de sete fonemas para cada sílaba. Nosso objetivo, neste parágrafo, é estudar os ocupantes que podem ocorrer nas variantes de cada tagmema.

5.2.2.1. Distribuição dos fonemas na MI

O tagmema MI apresenta quatro variantes ou alotagmas: C, CC, CCC, CCCC. Quando ocorre a variante ou alotagma "C", podem ocorrer na MI tôdas as consoantes. O mesmo entretanto não acontece quando ocorrem as outras variantes do tagmema MI. Nestes casos, as consoantes formam sub-classes de acôrdo com a potencialidade de ocupar certas posições e agrupar-se para formar a margem inicial da sílaba:

MI1 = /y/ e /w/

MI2 = /l/ e /r/

MI3 = /p/, /t/ e /k/

MI4 = /m/, /n/, /ɲ/, /v/ e /s/

MI5 = /f/, /x/, /b/ e /d/

MI6 = /š/

No alotagma CC temos as seguintes possibilidades de combinações de sub-classes de fonemas:

MI2 . MI1	/'lyɛrɐ/	couro
MI3 . MI1	/'kwɛl/	fonte
MI4 . MI1	/'myɛt/	mede!
MI5 . MI1	/'xyɛt/	coração
MI6 . MI1	/'šwat/	preto
MI3 . MI2	/'plat/	chato
MI5 . MI2	/'flak/	plano

MI6 . MI2	/'šrɔɔ/	mal
MI6 . MI3	/'špas/	graça
MI6 . MI4	/'šmant/	nata, creme
MI3 . MI4	/'knep/̃	belisca

No alotagma CCC temos as seguintes possibilidades de combinação:

MI6 . MI3 . MI1	/'štyel/	cabe
MI6 . MI3 . MI2	/'šplete/	estrepo
MI6 . MI2 . MI1	/'šryemm/	escrito
MI3 . MI2 . MI1	/'klieven/	colar
MI5 . MI2 . MI1	/'xryep/	agarrava

No alotagma CCCC temos a seguinte possibilidade de combinação de consoantes:

MI6 . MI3 . MI2 . MI1	/'šprɛkɔ/	falar
	/'šprwɔk/	falava

5.2.2.2. Distribuição dos fonemas no N

O tagmema nuclear da sílaba apresenta duas variantes ou alotagmas: V e VV, que podem ambos ser ocupados por tôdas as vogais sem restrições. No alotagma VV temos sempre duas vogais geminadas, foneticamente um vocóide longo. Nunca ocorrem duas vogais diferentes no núcleo, como já assinalamos no parágrafo 4.3.1.

5.2.2.3. Distribuição dos fonemas na MF

Na MF, há restrições na ocorrência das consoantes. Não ocorrem na MF os fonemas consonantais: /b/, /d/, /v/ e /r/. Além das restrições de ocorrência, as consoantes se agrupam de maneira diferente para formar os alotagmas da MF: C, CC e CCC.

Na variante C da MF ocorrem tôdas as consoantes, com exceção das supracitadas.

Nas variantes CC e CCC as consoantes formam sub-classes .. MF_n, de acôrdo com a potencialidade de ocupar certas posições ou agrupar-se para formar a margem final. Temos na MF as seguintes sub-

-classes de consoantes:

MF1 = /y/, /w/ e /l/

MF2 = /p/, /t/ e /k/

MF3 = /m/, /n/ e /ŋ/

MF4 = /s/

MF5 = /f/ e /x/

No alotagma CC podemos ter as seguintes combinações destas sub-classes:

a) Geminção de consoantes das sub-classes MF1, MF2 e MF3:

MF1 . MF1 /'brøll/ chorar

MF2 . MF2 /'kikk/ olhem!

MF3 . MF3 /'laŋŋ/ ser suficiente

b) MF3 + homorgânica de MF2:

/'lamp/ luz

/'lant/ terra

/'lapk/ comido

c) MF2 + homorgânica de MF3:

/'lapm/ trapo, panos

/'latn/ sarrafos

/'lakŋ/ insulso

d)MF1 . MF2 /'mɛlk/ leite

e)MF1 . MF3 /'xaym,vey/ saudades

f)MF1 . MF4 /'xals/ pescoço

g)MF1 . MF5 /'šlayf/ concha

h)MF2 . MF4 /'sats/ pulo (subst.) /'šlɔps/ dormes

i)MF4 . MF2 /'pɔst/ correio /'fesk/ peixe

j)MF3 . MF4 /'kens/ conheces

l)MF5 . MF4 /'faafs/ pintas

No alotagma CCC da MF temos as seguintes possibilidades /

de combinação:

- a) MF1 . MF2 . MF3 /'xelpm/ ajudar
- b) MF3 . MF2 . MF3 /'lampm/ lâmpadas, luzes

Nestes casos MF2 condiciona MF3. Somente são possíveis com binações no mesmo ponto de articulação.

- c) MF1 . MF2 . MF2 /'škaytt/ atiram!
- d) MF1 . MF3 . MF3 /'laypp/ mentir

Outros agrupamentos restritos no ponto de articulação alveolar são:

- e) MF2 . MF4 . MF2 /'potst/ pintado
- f) MF2 . MF4 . MF3 /'petsn/ pintar

As restrições de certas ocorrências e a indicação dos alofones aqui apresentados serão apresentadas no capítulo seguinte.

O problema da divisão silábica foi abordado no parágrafo..
4.6.1.

5.3. Nível de palavra fonológica

As sílabas se agrupam para formar a unidade imediatamente superior na hierarquia fonológica: a palavra fonológica ou pé. Toda palavra fonológica tem um núcleo que é uma sílaba marcada com destaque principal. Tem ainda um núcleo secundário quando a palavra fonológica é complexa. O traço distintivo da palavra fonológica complexa é o destaque secundário, acompanhado de juntura interna aberta. Além do destaque secundário, a juntura interna aberta é idêntica a que separa duas palavras simples.

O traço distintivo da palavra fonológica simples é o destaque principal. Na palavra fonológica complexa, além do principal, temos ainda o destaque secundário e juntura interna aberta predizível por traços alofônicos existentes entre os seus constituintes imediatos.

5.3.1. Palavra fonológica simples

A palavra fonológica simples consta de um núcleo obrigatório, podendo ainda ter margem inicial e final. Núcleo de palavra

fonológica é toda sílaba marcada com destaque principal. Margem inicial ou final em uma palavra fonológica são sílabas átonas.

5.3.1.1. Critérios de delimitação

Os critérios para delimitação da palavra fonológica simples são:

a) Traços alofônicos finais; b) traços alofônicos iniciais
c) Sequências fonêmicas finais; d) Sequências fonêmicas iniciais; e) potencialidade de distribuição em unidades de nível superior.

a) Traços alofônicos finais:

1 - Os contóides silábicos, alofones respectivos dos fonemas /m/, /n/, /ɲ/ e /l/ ocorrem somente em final de palavra fonológica, quando precedidos das homorgânicas correspondentes, conforme assinalamos no parágrafo 4.4.1:

Exemplos:

/kɔpm/	kɔ:pm	comprar
/kɛnn/	kɛnɲ	conhecer
/šprɛkɲ/	šprɛkɲ	falar
/fe'tɛll/	fe'tɛl:	narrar, contar

2 - Os contóides aspirados |p^h|, |t^h| e |k^h|, alofones de /p/, /t/ e /k/ respectivamente, ocorrem somente em final de palavra fonológica. Exemplos:

/'trap/	trap ^h	escada
/'drɔt/	drɔ:t ^h	arame
/'škrɔk/	škrɔk ^h	armário

3 - O vocóide médio aberto central, alofone da vogal /e/ ocorre somente em sílaba final átona. Exemplos:

/'vaate/	'va:tə	água
/'fate/	'fatə	pai ou avô

4 - O contóide lateral alveolar velarizado sonoro |ɭ|, alofone de /l/, ocorre somente em final de palavra, quando não seguida de consoante. Exemplos:

/'xɔbɛl/	['hɔbɛɫ]	garfo
/'kɔpɛl/	['kɔpɛɫ]	cobre

b) Alofones iniciais

Ocorrem como marcadores de início de palavra fonológica, os vocóides precedidos de glotal [ʔi], [ʔe], [ʔɛ], [ʔu], [ʔθ], [ʔa], [ʔɯ], [ʔo], [ʔɔ] alofones das vogais /i/, /e/, /ɛ/, /u/, /θ/, /ɔ/, /a/, /u/, /o/, /ɔ/ respectivamente. A oclusão glotal ocorre somente depois de silêncio, pausa ou junção interna aberta, caracterizada, foneticamente, como uma clara divisão, entre dois macrosegmentos.

c) Sequências fonêmicas finais que marcam limite de palavra fonológica:

1 - Sequência /-ex/ de sílaba átona. Exemplos:

/'fɛrcx/	['fɛrɛx]	pronto
/'rɔstɛx/	['rɔstɛx]	imediatamente

2 - Sequência /-uɣ/ de sílaba átona. Exemplos:

/'byɛteruɣ/	['byɛtɛrʉɣ]	melhoras
/fɛ'kɔluɣ/	[fɛ'kɔlʉɣ]	gripe, resfriado

3 - Sequências /ɛɫ/ e /ɛn/ de sílaba átona (foneticamente |ɛɫ| e |ɛn|). Exemplos:

/'nyeɛɫ/	['nyeɛɫ]	corração
/'vaskɛn/	['vaskɛn]	lavar

4 - Sequências /-Vpp/, /-Vtt/ e /-Vkk/, foneticamente contóides aspirados longos, ocorrem somente em final de palavra.

Exemplos:

/vi 'šlɔpp/	['vi 'šlɔ:p ^h :]	nós dormámos
/'i 'štritt/	['ʔi 'štrit ^h :]	vocês brigam
/'kikk/	['kik ^h :]	olhem

5 - Sequências /-Vmm/, /-Vnn/, /-Vɣɣ/ e /-Vll/, foneticamente contóides silábicos longos, ocorrem também, somente em final de palavra fonológica.

Exemplos:

/'brɔll/	['brɔl:]	chorar
/'bloom/	['blo:m:]	flôres
/'kɛnn/	['kɛn:]	conhecer
/'brɛŋŋ/	['brɛŋ:]	trazer

d) Sequências fonêmicas iniciais

As sequências fonêmicas /xe-/ e /fe-/ não marcadas com de destaque principal, marcam o início de uma palavra fonológica simples:

Exemplos:

/fe'samlun/	[fe'saml ^h ŋ]	reunião
/fe'kɔlt/	[fe'kɔlt ^h]	gripado
/xe'dolt/	[xe'dolt ^h]	paciência
/xe'bet/	[xe'bet ^h]	oração

5.3.1.2. Fórmula gerativa e ocorrências da palavra fonológica simples

As ocorrências mais comuns da palavra fonológica simples / podem ser enquadradas na fórmula:

$+MI:1\check{S} +N:1S +MF:2\check{S}$, com o limite máximo de três sílabas por palavra. Donde se conclui que a maior parte das palavras fonológicas têm de uma a três sílabas. Desenvolvendo todas as possibilidades da fórmula, teremos:

a) Palavras fonológicas de uma sílaba apenas. Neste caso temos apenas o tagmema do Núcleo, ocupado por uma sílaba marcada com destaque principal: /'/

Exemplos:

/'kɔp/	['kɔp ^h]	cabeça
/'brɛt/	['brɛt ^h]	tábua
/'mɛs/	['mɛs]	faca
/'rɔ:t/	['rɔ:t ^h]	vermelho

b) Com duas sílabas formando a palavra fonológica, temos

duas possibilidades:

	inicial	final
átona	x	x
tônica	x	x

O destaque principal pode ocorrer tanto na sílaba inicial como na final. Podemos ter uma palavra com MI e N ou com N e MF.

1 - + MI:S +N:'S | ˘ ˘ |

Exemplos:

- /fe'kɔft/ [fe'kɔft^h] vendido
- /xe'beks/ [xe'beks] doces
- /xe'rext/ [xe'rext^h] justiça
- /a'xɔst/ [a'xɔst^h] agosto

2 - +N:'S +MF:s | ˘ ˘ |

Exemplos:

- /'xekex/ ['xekex] sem maneiras
- /'eeklex/ ['?e:klex] feio
- /'aabayt/ ['?a:bayt^h] trabalho
- /'ales/ ['?aləs] tudo

c) Com três sílabas formando a palavra fonológica.

Em palavras que não sejam empréstimos, temos sempre MF , pois o destaque principal nunca marca a sílaba final: o núcleo é pois a primeira ou segunda sílaba:

	inicial	medial	final
átona	x	x	x
tônica	x	x	

1 - Nas palavras em que o destaque principal cai na segunda sílaba temos: MI, N e MF | ˘ ˘ ˘ |

Exemplos:

- /fe'samlun/ [fe'sãmlũn] reunião
- /ka'tofel/ [ka'tofɛl] batata inglesa
- /be'nane/ [be'nane] juntos

2 - Nas palavras em que o destaque principal cai na primeira sílaba temos: N:1S e MF:2S : | ˊ ˋ ˋ |

Exemplos:

/ˈbysteruŋ/	[ˈbysteruŋ]	melhora
/ˈmõxlikayt/	[ˈmõxlikayt ^h]	possibilidade
/ˈkõleray/	[ˈkõleray]	raiva

Em empréstimos, temos também palavras fonológicas com duas sílabas átonas na MI e sem MF:

/ˈpresiˈdɛnt/	[presiˈdɛnt ^h]	presidente
/ˈatvoˈkaat/	[atvoˈka:t ^h]	advogado
/peseˈdist/	[peseˈdist ^h]	pessedista

Com quatro sílabas, não encontramos nenhuma palavra que não fôsse evidente empréstimo. Nestes casos a palavra portuguesa perde a vogal final:

/demoˈkratik/	democrático
/alixtaˈment/	alistamento

Encontramos, ainda, palavras com cinco sílabas como:

/eletrisiˈtɛt/	eletricidade
/demoˈkratiše/	democrática (talvez de alto alemão)

Englobando os empréstimos, temos possibilidade de até quatro sílabas na MI e de até duas na MF, com o limite de cinco sílabas em uma palavra fonológica simples, ou seja:

+MI:4Š +N:1S +MF:2Š

5.3.2. Palavra fonológica complexa

Palavra fonológica complexa é a combinação de duas palavras simples, em que a sílaba nuclear da palavra fonológica primária é marcada por destaque principal, e a sílaba nuclear da palavra fonológica secundária ou satélite é marcada com destaque secundário. O traço distintivo da palavra fonológica complexa é o destaque secundário da sílaba nuclear de um dos constituintes, em vez do principal que esta traria se fôssem duas palavras simples.

A palavra fonológica primária (com núcleo marcado por destaque principal) pode preceder ou seguir a secundária (com núcleo

marcado pelo destaque secundário); é muito mais comum a primária / preceder a secundária.

O principal critério de identificação de uma palavra fonológica complexa é a presença de um destaque secundário, além do principal.

Tôda palavra fonológica complexa tem seus constituintes imediatos ligados por juntura interna aberta que além dos destaques, é idêntica à juntura existente entre duas palavras simples.

Os critérios apontados no parágrafo 6.3.1.1. servem também para separar a palavra fonológica complexa em seus constituintes imediatos. O destaque secundário é o traço distintivo da palavra fonológica complexa:

/ 'unc, sððkŋ/	procurar em baixo
/, unc 'sððkŋ/	examinar, consultar com médico

5.3.2.1. Estrutura da palavra fonológica complexa

A palavra fonológica complexa tem dois núcleos, um marcado com destaque principal e outro com secundário. Contrasta, pois, com duas palavras fonológicas simples porque estas são marcadas com dois destaques principais. Há oposição entre ' , e ' ' :

Exemplos de palavras complexas:

/ 'vaate, fal/	['va:tə, fa±]	cascata
/ 'een, been/	['ʔē:n, bē:n]	perneta
/ 'vct, kɔp/	['vet ^h , kɔp ^h]	cabeça-branca(adj.)
/, rɔ te'beet/	[, řɔtə'bc:t ^h]	boterraba

Exemplos de palavras simples:

/ 'vaate'fal/	['va:tə'fa±]	cai, água!
/ 'een'been/	['ʔē:n'bē:n]	uma perna
/ 'vctn'kɔp/	['vctn'kɔp ^h]	cabeça branca (subst.)
/ 'rɔ t'xus/	['řɔ:t'xus]	casa vermelha

5.3.2.2.

A palavra fonológica complexa contrasta, ainda, com a simples porque a última tem um núcleo apenas e não pode ser separada /

em constituintes imediatos que sejam por sua vez palavras fonológicas simples. A simples tem uma sílaba marcada com destaque principal e até duas sílabas átonas. A complexa tem obrigatoriamente uma sílaba marcada com destaque principal e outra com o secundário, podendo ainda ter quatro sílabas átonas:

Exemplos:

/'by teruŋ/ melhora
 /xe'bruks/ uso
 /'xèpm,ruks/ cheiro de bode
 /ka'tofel-fe,planuŋ/ replantação de batatas

5.3.2.3.

Há dois tipos fundamentais de palavras fonológicas complexas:

- a) as que têm o núcleo primário antes da junctura;
- b) as que têm o núcleo primário depois da junctura. Em ambos os casos deixamos de lado palavras complexas formadas por constituintes que sejam empréstimos.

a) As possibilidades apresentadas por palavras fonológicas complexas cujo núcleo primário ocorre antes da junctura estão contidas na fórmula:

$+MI:l\check{S}+N:l\check{S} +MF:(+1,S +\underline{4}\check{S})$, com o limite máximo de seis sílabas por palavra.

Exemplos:

/'bawm,vol/ algodão
 /'ximcl,blaw/ azul celeste
 /xe'beks,dax/ dia de fazer doces
 /'ut,vasken/ lavar (um recipiente)
 /'mɛnefe,samluŋ/ reunião dos homens
 /'by teruŋs,x fnuŋ/ votos de melhoras
 /fe'kɔluŋs,mɔxlikayt/ possibilidade de resfriado

b) As possibilidades apresentadas nas palavras, cujo núcleo primário ocorre depois da junctura interna aberta estão contidas na seguinte fórmula generativa:

$+MI:(+1,S +\underline{3}\check{S}) +N:l\check{S} +MF:2\check{S}$, com o limite máximo de seis

sílabas por palavra.

Palavras com núcleo primário depois da juntura são, entretanto, bastante raras. Não encontramos, nos dados colhidos, tôdas/ as possibilidades que poderiam ser geradas pela fórmula acima.

Exemplos:

/,rotc'beet/	beterraba
/,ape'siin/	laranja
/,unc'söökʏ/	examinar
/,ube'xawpt/	sobretudo
/,op'ry kʏ/	contar com

As unidades d'êste nível constam, pois, de uma a seis sílabas, tendo obrigatoriamente um núcleo marcado com destaque principal; podem, ainda, ter um núcleo secundário e traços de juntura interna aberta, quando a palavra fonológica é complexa.

5.4. Nível de Locução Fonológica

As unidades d'êste nível são os contornos ou locuções fonológicas que têm como constituintes imediatos ênicos um ou mais pés ou palavras fonológicas. Tôda locução fonológica tem obrigatoriamente um núcleo, constituído pela palavra fonológica que tem uma de suas sílabas marcada com destaque sintático /" /, principal traço distintivo do quarto nível da hierarquia fonológica do westfaliano/ de Lio Fortuna.

5.4.1.

Um contorno ou locução fonológica distingue-se das demais unidades da hierarquia fonológica e de outros contornos:

- a) pela sua estruturação por unidades do nível imediatamente inferior - por palavras fonológicas;
- b) pelo destaque sintático /" / que marca um de seus tagemas, o núcleo;
- c) traços fonéticos no início, no núcleo e particularmente no fim de cada contorno;
- d) pelos padrões de intonação que cada unidade d'êste nível pode ter.

Como nossa análise não vai além d'êsse nível, não considera

mos a distribuição da locução fonológica dentro da unidade imediatamente superior, talvez o período fonológico.

5.4.1.1. Estrutura do contôrno ou locução fonológica.

A locução fonológica consta de três tagmemas:

+MI (Vorlauf) ³ - que pode ser ocupado por uma ou mais palavras fonológicas, sem destaque sintático nas sílabas / que as compõem.

+N (Schwerpunkt) - que pode ser ocupado por uma palavra fonológica marcada em uma de suas sílabas com o destaque sintático.

+MF (Nachlauf) - que pode ser ocupado por uma ou mais palavras fonológicas, sem destaque sintático em duas sílabas.

Todo contôrno é constituído de pelo menos uma palavra fonológica no tagmema do núcleo. Esta palavra pode ser simples e monossilábica. Estas locuções fonológicas são particularmente comuns em respostas a perguntas sim/não e com interrogativos simples:

" 'y sim

" 'vel quem?

Quando ocorre pelo menos um dos tagmemas facultativos temos mais de uma palavra fonológica constituindo o contôrno.

Exemplos:

a) com MI e N - /'dat'ryenk/ chove

b) com N e MF - / "'kikk'es'dran/ vejam só

c) com MI N e MF - /'vat'roop'dan/ alguns então gritam

Nos dados colhidos e analisados não constatamos nenhuma ocorrência de MI ou MF com mais de três palavras fonológicas, nem contornos com mais de cinco constituintes êmicos.

Teoricamente todas as palavras fonológicas da língua podem ocorrer em todos os tagmemas do nível de contôrno, o que torna o número de contornos diferentes muito elevado.

Por critérios fonológicos não podemos reuni-los em grupos/ou classes êmicas para formação da MI ou da MF. Entretanto, há critérios gramaticais que poderiam esclarecer a distribuição das pala-

avras dentro do nível de contôrnos, pois a ordem das palavras no enun-
ciado é êmica no westfaliano de Pio Fortuna.

5.4.1.2. O destaque sintático

O principal traço distintivo do nível da locução fonológica é o destaque sintático em uma das sílabas do pé nuclear de cada unidade d'êste nível.

Destaque sintático é o maior grau de intensidade que ocorre numa construção sintática. É particularmente observável num corpus de dados em que êle se repete, marcando o número de unidades / d'êste nível. Além da intensidade a sílaba da palavra fonológica portadora do destaque sintático se caracteriza por maior duração (timing) em relação à mesma sílaba quando esta ocorre na MI ou MF da palavra fonológica sem o referido destaque.

A diferente posição do destaque sintático em um mesmo contôrno traz diferenças semânticas mais ou menos sutis aos enunciados:

Exemplos:

/'dat 'es "'diin 'book/	aquêlo é o <u>teu</u> livro
/'dat 'es 'diin 'book/	<u>aguêlo</u> é o teu livro
/'dat 'es /diin "'book/	aquilo é teu <u>livro</u>

Geralmente o destaque sintático coincide com o destaque / principal da palavra fonológica. Quando isto acontece, torna-se evidentemente impossível tentar examinar sua relevância por uma aproximação de ambos em um par mínimo. Êles (destaques principal e sintático) coexistem na mesma sílaba da mesma palavra, mas são distintos porque indicam fatos diferentes em níveis fonológicos diferentes. O destaque principal é relevante no nível da palavra fonológica e o sintático no nível da locução ou contôrno. Assim, se... /'vate,fal/ cascata, fôr um contôrno num certo contexto, normalmente a sílaba /'va-/ acumula ambos os destaques. Mas, em /'d n 'vate,fal/ podemos ter:

/'d n 'vate,fal/	<u>aquela</u> cascata, e
/'d n "'vate,fal/	a cascata.

A diferença semântica entre os dois contornos é causada pela diferente localização do destaque sintático.

Em situações especiais pode ocorrer o destaque sintático em sílabas que no nível de palavra são marcadas com destaque secundário ou mesmo fraco, especialmente, quando uma dessas sílabas é repetida, com ênfase, para um interlocutor que não a entendera bem, por exemplo:

A - /'ek 'xɛpm "'špets,fwɔske 'sajn/ eu vi um carrasco
(espécie de sapo)

B - /"'špets,vuwom/ um verme?

C - /"'nɛɛ 'špets",fwɔske/ Não! carrasco.

Outras ocorrências do destaque sintático são:

a) ocorrência do destaque sintático em tôdas as sílabas das palavras que compõem o contôrno. Isto acontece num enunciado exageradamente enfático; b) ocorrência de contornos sem destaque sintático perceptível em nenhuma das palavras que os compõem; c) ocorrência de destaque sintático em mais de uma palavra no mesmo contôrno, possivelmente com pequena diferença no grau de intensidade, havendo assim um núcleo primário e outro secundário.

Estas ocorrências não serão analisadas por falta de dados e recursos de laboratório fonético que nos possam conduzir a uma solução adequada.

5.4.1.3. Traços fonéticos no início, no núcleo e no final do contôrno.

Um contôrno é uma seqüência de palavras fonológicas não se paradas por pausa. Analisando um corpus maior de dados, um discurso ou um diálogo, notamos que há pausas de uma certa duração entre as partes que o compõem. Entre uma pausa e a seguinte temos um contôrno ou locução fonológica.

O início de um contôrno é marcado por movimento dos músculos abdominais, fato que, segundo Pike, diferencia uma locução fonológica das unidades mais baixas da hierarquia fonológica.

O núcleo da locução fonológica, como já assinalamos, no parágrafo anterior, apresenta maior duração. Este fenômeno de maior duração da sílaba marcada com o destaque sintático não deve ser confundido com a duração dos vocóides, entre os quais temos uma oposição distintiva entre breves e longas, assinalada pela interpretação

dos últimos como duas unidades.. A não ser que a ênfase seja muito grande, a duração de um vocóide breve no núcleo do contôrno não chega ao ponto de confundi-lo com a correspondente longa na MI ou MF. Além disso, a maior duração da sílaba nuclear de um contôrno é apenas um traço fonético que acompanha o destaque sintático.

O final do contôrno é marcado por vários traços fonéticos, tais como: maior duração dos segmentos finais, que da elevação ou suspensão da altura da voz antes da pausa.

Estes fenômenos estão intimamente ligados aos padrões de intonação da língua.

5.4.1.4. Padrões de Intonação

Tôda locução fonológica ou contôrno tem um determinado padrão de intonação, do sistema de intonação da língua. A intonação não é aqui considerada como parte integrante do nível de locução fonológica mas, como um sistema que concorre necessariamente com as unidades dêste nível. Os padrões de intonação estão correlacionados com o destaque sintático (já analisado), com os contornos terminais e com os níveis de altura da voz que acompanham cada locução fonológica.

5.4.1.4.1. Contornos terminais

O final de uma locução fonológica apresenta diferentes contornos terminais. Há pelo menos três que são relevantes:

a) queda da altura da voz até silêncio.

/'dɛn "'fãre'vas 'aan¹ ↓/ o pai era pobre

/'dat "'rɛgk fe'daax¹ ↓/ chove hoje.

Nestes exemplos a altura da voz começa medianamente alta na MI, sobe um pouco no núcleo e cai até o silêncio na MF. A êste decréscimo de altura da voz até o silêncio chamamos "queda", simbolizada por uma flecha apontada para baixo ↓/.

A queda ↓/ de altura da voz na última sílaba assinala uma declaração de sentido completo ou uma resposta ou saudação. Assim, /'dɛn "'fãre↓/ o pai, é um contôrno-resposta com sentido completo através de transformação, em que incluímos elementos de contôrno-interrogação.

b) subida da altura da voz na última sílaba.

/v²el 'vas "'³am³ ↑/ quem era pobre?

/³ryenk'da³ ↑/ chove?

A altura da voz pode subir na última sílaba ou permanecer a mesma, se o pé anterior é o núcleo, com nível tonal /3/.

A subida da altura da voz é assinalada por uma flecha apontada para cima /↑/. Os contornos com êste símbolo /↑/ são interrogativos.

c) suspensão da fala, sem as características precedentes. Esta suspensão assinalada por uma barra /|/, indica hesitação, falta de palavra adequada por lapso da memória, pausa entre dois contornos etc.

/³den'f³are|/ o pai...

Nem sempre existe obrigatoriamente uma pausa clara entre dois contornos (constituintes de uma unidade maior). Em certos casos, particularmente, quando dois ou mais contornos parecem ser constituintes de uma unidade fonológica de um nível superior, pode haver entre êles uma pausa potencial, isto é, que pode ou não ocorrer. O número de contornos diferentes, nestes casos, é assinalado pelos destaques sintáticos. Nestes casos, a altura do início do segundo ou terceiro contôrno é a mesma do final do precedente. As pausas potenciais são assinaladas por uma barra /|/.

/³den 'vate,fa²| v²el 'ék sayn xep² | v²as 'fol'šköne¹|/

Aquela cascata que eu vi, era muito mais bonita.

5.4.1.4.2. Níveis Tonais

Outro fenômeno que notaremos ao examinar um enunciado, são os níveis tonais, isto é, a maior ou menor altura com que cada sílaba é pronunciada. Dos níveis tonais, três foram considerados relevantes em nossa análise:

a) o baixo, que ocorre em sílaba anterior à terminal /↓/, assinalado com /1/.

b) o médio, um pouco mais alto que o precedente, ocorre geralmente no início de um enunciado declarativo. Êste nível tonal é assinalado por /2/.

Neste tipo de locução, o padrão mais comum é:

2 "3 1 ↓

Exemplos:

/ˈdat ˈes ˈnɛx ˈrɛxtɛx↓/ Isto não está certo

/ˈɛk ˈsɔl ˈdɛn ˈmɛt,nyɛm↓/ Tu devia levar aquele.

Entretanto, quando a locução consta de uma palavra monossilábica, o padrão de intonação mais comum é:

"3 1 ↓

Exemplos:

/ˈnɛst↓ não

/ˈyɔp↓ sim!

Em enunciados compostos de mais de uma locução fonológica temos geralmente os padrões 2 "3 | e 2 "3 1↓.

Exemplos:

/ˈtɔn ˈdo ˈmɔxɔ ˈvi | ˈdɔye ˈde paˈtɛyɛ↓/

E então nós tínhamos que passar pela porteira.

/ˈdɛn ˈvate,fəl | ˈvɛl ˈɛk ˈsajn xɛp | ˈvas ˈfɔl ˈškɔ
ne↓/ A cascata que eu vi era muito mais bonita.

Em enunciados de mais de uma locução em que uma delas é uma citação, temos geralmente:

2 "3 1 | 1 "1 1 ↓

/ˈdat ˈes nɛx ˈrɛxtɛx | sɔx ˈdɛn ˈškrajne↓/

Isto não está direito, disse o marceneiro.

Locuções fonológicas que são enunciados declarativos caracterizam-se, ainda, pelo fato de o verbo ocupar sempre a segunda posição e pela ausência de palavras fonológicas que indicam interrogação. O sujeito dessas locuções ocorre sempre ou na primeira ou na terceira posição.

b) locuções fonológicas interrogativas.

Nas locuções fonológicas interrogativas os padrões de intonação mais comuns são:

1 - 2 "3 3 ↑

2 - 3 "2 3 ↑

3 - "3 3 ↑

Exemplos:

- 1 - /'dɛn "ʔfare³ ↑/ o pai?
 2 - /'kums''²du 'dan 'ncx³ ↑ então tu não vens?
 3 - /''³vɛl^ʔ Quem?

Locuções fonológicas interrogativas são facilmente identificáveis pela terminal /↑/ ou pela presença do verbo na primeira posição. Pode, ainda ser identificadas pela presença de palavras fonológicas interrogativas no início do enunciado. Nestes casos locuções interrogativas podem ter também o padrão intonacional:

2 "3 1 ↓

Exemplos: /'ʔat "ʔvɔl 'xɛ¹ ↓/ o que é que êle queria ?

c) Locuções fonológicas imperativas

Nas locuções fonológicas imperativas caracterizadas pelo verbo flexionado na primeira posição, com padrão de intonação:

2 "3 1 ↓

Exemplos: /'kɔm 'nɔ "ʔxu¹ ↓/ venha para casa.
 /'dɔ 'mix 'dɛn "ʔxaamɛ¹ ↓/ dá-me o martelo.

Outra maneira, e mais polida, consiste em usar fórmulas interrogativas, com padrão de intonação:

2 "3 3 ↑

Exemplos: /'vɛls 'du 'mix 'dɛn "'³xaame 'doon³ ↑

Queres me dar o martelo?

CAPITULO VI

Texto em vestfaliano com tradução portuguesa

Na transcrição aqui apresentada omitimos o acento de intensidade em palavras monossilábicas e nos casos em que coincide com o destaque sintático em palavras polissilábicas.

No parágrafo 6.1. apresentamos um trecho de conversa informal gravada em julho de 1964, em que indicamos os padrões de intonação.

Nos parágrafos seguintes, limitamo-nos à apresentação dos fonemas segmentais; no parágrafo 6.2. transcrevemos um trecho de um discurso pronunciado durante as comemorações do "dia do Colono" (25/7/64), em Rio Fortuna. No parágrafo 6.3. apresentamos uma página do folclore regional.

6.1. Transcrição e tradução de um trecho de conversa informal.

G/'xiye "šwɔmm̃ | fān ,bos"šwxost ũt | ʋo¹de"ʋun | ũo vas son "šalt̃ |

šes do yenn "šext an ,riw'set̃ | / "Aqui acima, do Augusto Buss, onde êle morava, havia mata até lá perto de Rio Sete."

H/ũn "šbuuxeš̃ | "šasn de nex mēñ | / "E bugres não havia mais ?"

G/š̃k xep̃ 'venestn xin "šayñ | / "Eu pelo menos não vi nenhum.

G/ũn do"šasn se do aāl | kōnn se nex š̃šlōppm̃ | ũn do vasn xin

š̃brete,š̃lakp̃ s̃ | xep̃ sik dan met"š̃kōsñ š̃myet̃ñ | fān eene "š̃kaame

no de 'ane xēñ | de'ole'ayxes xe de'xanse naxt bool nex š̃šlōppm̃ |

ũn š̃vi xep̃ ok nex š̃lōppm̃ | / "E estavam todos ali e não conseguiam dormir. E não havia divisão de táboas (acima do fôrro -) e atiravam-se com travesseiros de um quarto para o outro. A velha Aches não dormiu nada a noite tōda. E nós também não dormimos.

H/ "š̃aā | de kryep̃ de kōsñ opm̃ "š̃kōp̃ | / "Sim, êles recebiam os travesseiros sôbre a cabeça.

G/ ũn do mōxp̃ vi dōye de pa³teye¹ | š̃k xatñ yupk̃ š̃yest̃ | ũn dat vas

mix ʔte yuʔk↓ 'ʔanes'xerex, ööm de xat sɔnn"ʔll 'yeseʔ↓
 ʔe daytʔüme boksn↓ | un do ʔmen xē | ek sɔl "ʔen 'met, nyeʔmm |

ʔeʔskyelt so 'nöreʔ↓ / "E daí nós tínhamos que passar pela por-
 teira. Eu tinha um cavalo novo, e eu o achava muito novo (para
 aquela viagem). O tio Henrique Vandresen tinha um burro velho.
 êle sempre velhaqueava. Ai êle pensou, eu tinha que levae aque-
 le. Ele precisava tanto.

6.2. Trecho de um discurso

/ 'ose 'xros, fates sint no "Teresópolis" of no "Capiva-
 ri" 'xen, trokɔ. de re'xyerup xē de vestfēlikɔ aal an 'eeklexe
 byeɔɔ xēn ʔtelt . de 'aame imi'xrantn mɔxɔ meeɔɔ plann an byeɔɔ
 vo nyesn 'xepm, bok a'rop kwam.

/ i kant mi dan vol frɔɔɔ vo sɔ kryeɔɔ se de meeɔɔ
 dann plant ? ek doot u es fetell vo dat 'fröxe vas: se dayn
 de meeɔɔ plann metn xē'veye un ven de meeɔɔ rip vasn mɔxɔ se
 de 'lasken metn tro'sal. de 'aame kol'nestn mɔxɔ sik ka'pot
 a'baynn fō kost kriiɔɔ fō de blaapɔ un de frau. fol kol'netn
 sint'vex, trokɔ. dat msk nun xraat 'xunet'yowe es de yeste
 dütske imi'xrantn 'öre xōtn an "Capivari" bawt xept. fan'dowen
 sint ann dē flos a'rune no de 'salte , no de 'kware un ek 'xiye
 no fōdune.

Nossos avós vieram para Teresópolis (SC) ou Capivari.
 O Governo localizou todos os vestfalianos em morros íngremes.
 Os pobres imigrantes tinham que plantar milho em morros que nem
 um cabrito seria capaz de subir.

Vocês me perguntariam, então como êles conseguiram
 plantar o milho ? Eu vou contar-lhes como era antigamente.
 Eles plantavam o milho a espingarda e quando o milho estava
 maduro era colhido a laço. Os pobres colonos tinham que se
 matar trabalhando para conseguir comida para os filhos e para a
 espôsa. Muitos colonos saíram daí. Isto faz exatamente 100 anos
 que os primeiros imigrantes alemães construíram suas cabanas em
 Capivari (São Bonifácio 1864-1964). Dali outros desceram o
 rio para o "Salto" (Nome dado a São Ludgero. O nome Salto vem do
 primeiro lugar destinados àqueles colonos) e "quadro" (Braso do
 Norte) e também para Rio Fortuna."

6.3. Texto do folclore regional

/dan kwomp se do an met ben an de xööt. bi'yede xus kriix se dann ban. vat roop dan: "mööt mix den xunt

sös šlökj 'obe xrunť."

an de 'döye sekk se dan :

"vwoll un röömm

"'xiye što ek fö de 'döye

de kriixť i den aax

un ek veet nex vo 'föye

vol nex te pröömm

se xəpp mix škekt

'abe ye'rapm met fet

ek sol dat naypp doon

dat šmek so net.

'xiye un 'dowe

un van i nex kriixť

ek veet nex'vowe

ta'bak met laje pipm

det un dat

dan dryüft i os nex vyetn

ek veet nex vat

brut un brutixam

aa , föl mix nun vat in

de loot u naypp

xruus fan brut un'brutixam

opm xe'štwökj šwiin

(dan vjest de naams dan sext)

un xe'brött xoon

vent no 'meye xop

Tradução :

kont men 'xiyen doon"

"Então êles chegam com fitas nos chapéus. Em cada casa êles ganham uma fita...Alguns gritam então : "acerca o cachorro se não eu o amasso no chão."

Diante da porta êles então declamam:

Estou aqui diante da porta

raizes e nabos

e não sei para que

naquele dia

Me mandaram

vocês não provarão, certamente,

para convidar

mas batatas com banha (môlho)

aqui e ali

é tão gostoso...

não sei mais onde

e se não ganharem

isto e aquilo

fumo com longos cachimbos

e não sei o que.

então não nos levem em conta.

Ah, agora me lembro

A noiva e o noivo

Lembranças do noivo e noiva

vos mandam convidar

(então se dizem os nomes).

para um porco faqueado

e uma galinha assada.

Se fôsse possível mais

daríam : de bom grado

N O T A S

INTRODUÇÃO: 1) Os falantes designam esta língua, de forma genérica como "düts" = "alemão", para opô-la ao português; para distingui-la de outras formas ou "dialetos" alemães é designado como "plat'düts" ou "vestfélik". Dentro de uma classificação lingüística pertence seguramente ao "Baixo-Alemão" (Niederdeutsch), conjunto de dialetos que, além de outras mudanças, não sofreu a segunda "Lautverschiebung" e que assim se opõe a um conjunto de "dialetos" do "Alto-Alemão" ou Hochdeutsch. Os manuais consultados (Mitzka, Meillet/Cohen e Rosenthal) deixam claro que a área de onde procediam os imigrantes era a do "Niederdeutsch". Mas em nenhum deles encontramos uma subdivisão na qual nos pudéssemos basear para classificar o vestfaliano como um "dialeto" do frígio, saxônio ou holandês, em que tradicionalmente se têm subdividido o "Baixo-Alemão" do continente europeu.

2) Consideramos pertencentes à "comunidade" de Rio Fortuna (xe'mayn) as famílias que freqüentam as igrejas da sede do município. Nas localidades de Rio Guabiroba e Rio São João (capelas da paróquia de São Marcos do Rio Fortuna, na época da coleta de dados) ocorrem diferenças em relação à modalidade riofortunense, talvez devido a um estreito contato com outro "dialeto" alemão.

3) Na identificação como minoria étnico-cultural entram também os descendentes de famílias holandêsas e os filhos de casais mistos que se aculturaram lingüística e culturalmente.

4) Um estudo dos empréstimos portugueses encontrados no vestfaliano de Rio Fortuna foi apresentado ao "I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros", Pôrto Alegre, Julho de 1963 (Cf. in Anais ... "A língua e as mudanças culturais em Rio Fortuna")

5) A escola em língua portuguêsã teve seu primeiro professor nomeado pela Portaria nº83, da Secretaria do Interior e Justiça, em 21 de março de 1932. O professor nomeado, Robert Heinzen, já era professor da escola da comunidade, passando a partir dessa data a ensinar alemão e português.

6) "tifa" ou linha de colonização designam partes da comunidade que se afastam em "Strassendorf" ao longo um rio ou riacho, cujo vale é cultivado. É empréstimo do alemão "Tiefe" profundidade, fundos.

7) Every enrichment or impoverishment of a system involves necessari-

ly the reorganization of all the old distinctive oppositions of the system. To admit that a given element is simply added to the system which receives it without consequences for this system would ruin the very concept of system" (Vogt apud Weinreich, 1961:376)

CAPITULO I 2) Os termos ético (de fonético) e êmico de (fonêmico) foram propostos por Pike, Language...pg.37 e seguintes. É também apresentada esta nomenclatura em Câmara, Mattoso "Princípios de Linguística Geral, pg 57/58.

1) Cf. Pike, 1966:565/97 e Longacre e Crawford na bibliografia citada.

3) "Notice that simplicity is a systematic measure; the only ultimate criterion in evaluation is the simplicity of the whole system." (Cf. Chomsky, 1964:55/56)

CAPITULO IV 1) Adotamos neste capítulo os procedimentos propostos por K.L. Pike em "Phonemics, a Technique for Reducing Languages to Writing", Ann Arbor.

2) Nas palavras /bröll/ chorar, /baww/ construir, /drayy/ torcer /vasken/ lavar, o último segmento é o mesmo morfema também representado pelos contóides silábicos analisados neste parágrafo, sendo todos fonologicamente condicionados.

3) No trabalho "Algumas Transformações em Plat'düts" UnB, Brasília DF demonstramos que a melhor solução é admitir na análise morfológica um morfofonema { N }, com as seguintes correspondências :

{ N } — [m] depois de contóide labial
 — [n̄] depois de contóide dental, menos /l/
 — [ŋ] depois de contóide velar
 — [ɲ] depois de vogal
 — [w], [y] ou [l] depois de /w/, /y/ e /l/ respectivamente.

4) A interpretação da oclusão glotal como um traço das vogais em posição inicial, depois de pausa ou junção interna aberta foi adotada por William Moulton na análise do alemão. (cf Moulton, 1962:142) e apud Joos (ed.), 1963:208/15)

5) Estabelecemos que [w] é alofone de /y/ e não de /w/ por critérios de distribuição e por critérios morfofonêmicos. O vocóide anterior arredondado assilábico ocorre somente em ambiente de vogal anterior arredondada e nunca com posterior, nem ocorre em ambiente de vogal central.

6) Algumas palavras de padrão CCCVV podem apresentar uma variante com padrão CCCVVC :

Exemplos :	1 - /'škrɔɔx/	[škr̥ɔ:x]	mal
	2 - /'šprɔɔx/	[špr̥ɔ:x]	a fala
	4 - /'škreeɔx/	[škře:x]	inclinado.

7) Lehrbuch der Phonetik, Leipzig, 1913:186, apud Otto von Essen "Allgemeine und Angewandte Phonetik" 2.Auflage, Berlin 1957, pg.91.

8) "Si en una cadena hablada de sonidos se pasa de una implosión a una explosión (>|<), se obtiene un efecto particular que es el indicio de la frontera de sílaba, por ejemplo en el "ik" de "particularmente". Esta coincidência regular de una condición mecánica con un efecto acústico determinado asegura al grupo implosivo-explosivo una existencia propia en el orden fonológico: su carácter persiste sean cuales sean las espécies de que se componga, y constituye un género con tantas espécies como combinaciones posibles haya.

La frontera silábica puede colocarse, en ciertos casos, en dos puntos diferentes de una misma serie de fonemas, según se pase más o menos rápidamente de la implosión a la explosión." (Cf. Saussure, 1945 (trad. esp), pg. 116/7)

9) Numa tradução bastante livre: "Se numa sequência sonora, dois sons não estiverem separados por outro menos sonoro, teremos somente uma sílaba.

10) "É um velho ponto de discussão na fonética, em que propriamente se baseia a natureza da sílaba e como deve ser determinado o seu limite".

11) A modificação dos sons pelo ambiente em que ocorrem é apresentada por Pike como uma premissa da análise fonêmica : (Cf. Pike, 1963:58).

Quanto à relação entre sílaba fonética e sílaba fonêmica, veja-se em "Phonemics", página 144 e seguintes, bem como 246a e 246b.

CAPÍTULO V

1) Nos dados colhidos, os únicos casos em que os contóides [g̃], [g] e [g̣] não são substituíveis por [x̃], [x] e [x̣], respectivamente, são as palavras ['xag̣ɔ̃] granizo e

['xugo] Hugo

Nos casos em que há ocorrência de duas formas, uma com oclusivo e outro com fricativo velar, podemos atribuir as primeiras a empréstimos do alto-alemão. No dialeto vestfaliano de Rio Fortuna não há fonema /g/. Além da análise dos dados, há outro argumento ponderável para esta conclusão - a adaptação fonológica dos empréstimos portugueses com /g/ :

"gruta" ['xřute]

"imigrante" [ʔimi'xřãnt^h]

2) O termo vocóidal é um neologismo até certo ponto criticável. Adotamos este termo em vista do sentido equívoco que poderiam tomar os termos "semiconsoante ou semivogal", usados para classes de fonemas e não para caracterizar foneticamente um fonema.

3) Há em alguns casos restrições de ocorrência em relação aos dados coletados. Assim, nenhuma consoante da subclasse MI3 é seguida imediatamente por /m/.

BIBLIOGRAFIA

- Bloomfield, Leonard, 1933. Language. New York.
- Bloomfield, Leonard, 1926. "A Set of Postulates for the Science of Language", in Language 2,153-64.
- Brandenstein, Wilhelm, 1950. Einführung in die Phonetik und Phonologie. Wien.
- Bloch, Bernard e Trager, George, 1942. Outline of Linguistics Analysis. Baltimore.
- Câmara, J.Mattoso Jr., 1964. Princípios de Linguística Geral. Rio de Janeiro.
- Câmara, J.Mattosos Jr., 1964. Dicionário de Gramática e Filologia. Rio de Janeiro.
- Chomsky, Noam, 1964. Syntactic Structures. The Hague.
- Crawford, John, 1963. Tototepec Mixe Phonotagmemics. Oklahoma.
- Dieth, Eugen, 1950. Vademekum der Phonetik - Phonetische Grundlagen für das wissenschaftliche und praktische Studium. Bern.
- Entres, Albert (ed.), 1929. Gedenkbuch zur Jahrhundertfeier der deutschen Einwanderung in Santa Catarina. Florianópolis
- Essen, Otto von, 1956. Grundzüge der hochdeutschen Satzintonation. Düsseldorf.
- Essen, Otto von, 1957. Allgemeine und angewandte Phonetik. Berlin
- Fausel, Erich, 1959. Die deutschbrasilianische Sprachmischung. Berlin.
- Forchhammer, Jürgen, 1924. Die Grundlage der Phonetik. Heildelberg
- Forchhammer, Jürgen, 1951. Allgemeine Sprechkunde. Heilderberg.
- Gleason, H.A., 1961. An Introduction to Descriptive Linguistics. New York.
- Grammont, Maurice, 1960. Traité de Phonétique. Paris.
- Halliday, M.A.K., 1961. "Categories of the theory of Grammar" in Word (vol.17, Nº 3; 51:241/92).

- Haugen, Einar, 1961. "The Bilingual Individual" in Psycholinguistics. New York.
- Hockett, Charles, 1955. Manual of Phonology (Memoir 11 of IJAL)
- Hockett, Charles, 1958. A Course in Modern Linguistics. New York.
- Jakobson, Roman, 1967. Fonema e Fonologia (Trad. M. Câmara) Rio.
- Jespersen, Otto, 1928. Language, its Nature, Development and Origin. London.
- Jones, Daniel, 1950. The Phoneme, its Nature and Use. Cambridge.
- Jones, Daniel, 1960. An Outline of English Phonetics. Cambridge.
- Joos, Martin (ed.) 1963. Readings in Linguistics. New York.
- Kaiser, L. (ed.), 1957. Manual of Phonetics. Amsterdam.
- Lambert, Havelka e Crosby, 1961. "The Influence of Language Acquisition Contexts on Bilingualism" in Psycholinguistics
- Lehiste, Ilse, 1959. An Acoustic-phonetic Study of Internal Open Juncture. Ann Arbor.
- Longacre, Robert, 1964. Grammar Discovery Procedures. The Hague
- Martinet, André, 1960. Éléments de Linguistique Générale. Paris.
- Malmberg, Bertil, 1954. La Phonétique. Paris.
- Meillet, A. e Cohen, Marcel, 1952. Les Langues du Monde. Paris.
- Migliazza e Grimes, 1961. "Shiriana Phonology", in Anthropological Linguistics.
- Mitzka, Walter, 1956. Die Deutsche Mundarten. Heidelberg.
- Moulton, William, 1964. The Sounds of English and German. Chicago.
- Oberacker, Carlos H., 1957. "Transformações da Língua Alemã no Brasil" in Revista de Antropologia (vol. 5, nº 1) São Paulo.
- Pike, Kenneth L., 1943. Phonetics, a Critical Analysis of Phonetic Theory and a Technic for the Practical Description of Sounds. Ann Arbor.
- Pike, Kenneth L., 1966. Language, in Relation to a Unified Theory of the Structure of Human Behavior. The Hague.
- Pike, Kenneth L., 1945. The Intonation of American English. Ann Arbor.

- Pike, Kenneth L., 1963. Phonemics - a Technique for Reducing Languages to Writing. Ann Arbor.
- Rosenthal, Edwin Theodor, 1963. A Língua Alemã. São Paulo.
- Trager, G.L. e Schmith, H.L., 1957. An Outline of English Structure. Washington.
- Trubetzkoy, N.S., 1949. Principes de Phonologie (tr. Fr.). Paris.
- Saporta, Sol (ed.), 1961. Psycholinguistics. New York.
- Schaden, Francisco, 1940. Notas sôbre a Localidade de São Bonifácio. Florianópolis.
- Vandresen, Paulino, 1963. "A Língua e as Mudanças Culturais em Rio Fortuna" in Anais do Iº Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros. Pôrto Alegre.
- Weinreich, Uriel, 1961. "Languages in Contact" in Psycholinguistics. New York.
- Willems, Emílio, 1946. Aculturação dos Alemães no Brasil. São Paulo.

CURRICULUM VITAE

Nome: Paulino Vandresen

Filiação: Geraldo Vandresen e Wilhelmin Buss Vandresen.

Nascido aos 16 de junho de 1939, em Rio Fortuna - SC.

I Cursos Regulares

1. Curso elementar, 1945 a 1950.

Estabelecimento: "Escolas Reunidas Prof. Pedro Antônio Candido" SC.

2. Cursos Ginásial e Clássico, 1951 a 1956.

Estabelecimento: "Seminário Preparatório Dom Joaquim, São Ludgero SC e Seminário Menor Metropolitano de Azambuja, Brusque - SC.

II Cursos de Graduação universitária

1. Curso de Filosofia de 1957 a 1958.

Estabelecimento: Seminário Maior de Viamão - RS.

2. Curso de Letras Clássicas 1960 a 1963.

Estabelecimento: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFSC Florianópolis SC

3. Curso de Didática em 1963 na Universidade Federal de Sta. Catarina.

III Cursos de Pós-graduação

1. "Cursos de Vacaciones", 1963, Instituto de Estudios Superiores, Montevideo, Uruguai.

2. Curso regular de pós-graduação em lingüística no Departamento de Linguística e Antropologia da Universidade de Brasília - DF.

a) Linguística I, Prof. Irwin Davis do S.I.L.

b) Seminário de Linguística Estrutural, Prof. Aryon D. Rodrigues.

c) Curso de Teoria Literária e Seminário sobre Reiteraões Fônicas em Cruz e Souza e Drummond de Andrade, Prof. Hércio Martins.

d) Orientações Modernas da Análise Gramatical, Prof. Ivan Lowe SIL.

e) Seminário sobre Problemas Linguísticos do Português, Prof. Rodrigues.

f) Prática Linguística com Informante Kamayurá, Carl Harrison SIL.

g) Seminário sobre Problemas da Tagmêmica, Profa. Sarah Gudschinsky SIL.

h) Prática Linguística (Terena e Apinayé) Profa. S. Gudschinsky, SIL.

i) Seminário de Etnologia Brasileira, Prof. Eduardo Galvão.

Trabalhos realizados: a) Reiteraões Fônicas em Cruz e Souza;

b) Fonologia Kamayurá; c) O Nível da Oração na Língua Terena;

d) Reanálise dos Sintagmas Dependentes do Oaxaca Chontal, com Base

no Trabalho de Viola Waterhouse. e) Algumas Transformações em Plat'düts

3. Cursos do I Instituto Interamericano de Linguística, Montevideo.
 - a) Introdução à Linguística Geral, Prof. Norman McQuown e L. Prieto.
 - b) Estrutura do Português, Prof. J. Mattoso Câmara Jr.
 - c) Linguística Aplicada, Prof. Donald Bowen
 - d) Dialetoologia Teórica, Prof. José Pedro Rona.

IV Experiência Profissional

1. 1959, Professor de Português no CNRP Pe. Bollmeiner, Rio Fortuna SC
2. 1961, Pesquisa para implantação de Programas de Desenvolvimento de comunidades rurais para o CR/SC/SSR e FARESC.
3. 1962/63 Diretor do Departamento de Organização Rural da FARESC.
4. 1964/65 Instrutor do Departamento de Linguística da Universidade de Brasília.
5. 1966/67 a) Professor de Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina ; b) Participação em Pesquisas financiadas pela SUDEPE/SC e pelo PLAMEG.

V Trabalhos Publicados

1. A Língua e as Mudanças Culturais em Rio Fortuna em Anais do I Colóquio de Estudos Teuto-brasileiros. Porto Alegre. 1963.
2. Relatórios das Pesquisas em que participou, artigos em jornais e revistas.

VI Sociedades Científicas Internacionais a que está filiado

1. American Society of Linguistics, USA.
2. ALFAL (Associação de Linguística e Filologia da América Latina)
3. Associado do "Current Anthropology" USA.

VII Bôlsas de Estudos

1. Instituto de Estudios Superiores, férias de 1963) Montevideo.
2. Interamerican Program in Linguistics and Language Teaching, 1965/66
3. Programa de Pós-graduação em Linguística do Museu Nacional, 1968.

Rio de Janeiro, 3 de julho de 1968.


Paulino Vandresen